

5.

A mística de Francisco de Assis na perspectiva do Cântico das Criaturas: com a mediação das criaturas ao Criador**Considerações iniciais**

No início da conversão, ao ouvir a eloquência do ícone bizantino do Cristo da capela de São Damiano, Francisco descobre o reencantamento de seu olhar para ver o mundo com admiração e contemplação. No Cântico transparece tal admiração transformada em louvor filial dirigido ao ‘Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor’ *com e por* todas as criaturas. Francisco não canta apenas a beleza do mundo à maneira grega, filosófica ou beleza olímpica que plana por cima de nossos sofrimentos, mas se une ao oceano de sofrimento dos excluídos. Nisso consiste o paradoxo de seu reencantamento. Portanto, a beleza contemplada nos versos do Cântico nos convida a partilhar os sofrimentos do humilhado Jesus para que nasça uma realidade mais bela, mais fraternal e sororal⁸¹⁴.

Neste capítulo passaremos à análise da primeira parte do Cântico, um claro reconhecimento da experiência trinitária de Deus que Francisco compreende, nesta primeira parte do Cântico (Cnt 1-9), onde Francisco louva ao Criador *com e pelas* obras da criação e reconhece as criaturas como nascidas da criação de Deus, sua amorosidade como “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor” quando convoca todo ser humano a louvar: “louvado sejas, meu Senhor”, apresentaremos o reconhecimento e a concepção do santo autor diante do mundo criado como dom em atitude de louvor e gratidão, seu reconhecimento do mundo como criação é, na sua forma original, o agradecimento pela dádiva da criação e da comunhão nela e do louvor exaltante do Criador, expressão mística de alegre reconhecimento da mediação de toda criatura ao Criador.

Nesta primeira parte do Cântico de Francisco nossa pesquisa objetiva apresentar sua perspectiva enquanto hino de louvor e de agradecimento a Deus.

⁸¹⁴ Cf. PICARD, M., L’icona del Cristo di San Damiano. *Op. Cit.* p.11-21; SURIAN, C., Contemplando o Crucifixo de São Damiano. *Op. Cit.*, p. 7-18; MARINI, A., *Sorores Alaudae*. Francesco d’Assisi, il creato, gli animali. Assis: EP, 1989, p.11-51.

Destacaremos o louvor da pessoa de Francisco a Deus e a todas as suas criaturas (exatamente com essas e por essas), enquanto são belas e benéficas suas obras (aquelas recordadas são todas as criaturas inanimadas: em primeiro lugar o irmão sol, a irmã lua e as estrelas, o impacto destas claridades no espírito do homem cego, sensível à simbologia dos seus significados, elementos em analogia às alturas do Altíssimo e sua ação plena de amor criador. Logo a seguir destacaremos o louvor ao Senhor Deus com os quatro componentes cósmicos: o ar (o irmão vento); a irmã água; o irmão fogo e a irmã nossa, a mãe terra: cada elemento da criação é ressaltado na sua ação fraterna que dá sustento a toda criatura.

Somos convocados pelo santo de Assis, o autor do Cântico a compreender com entusiasmo e que é, portanto na concepção do hino o seguro agradecimento ao mesmo Criador pelos benefícios daquela sua criação, como revelação da mística evangélica vivida por Francisco que conduz o ser humano ao Deus do Reino⁸¹⁵.

A estrutura do Cântico é clara e precisa. Compreende dez estrofes de comprimento variado: a primeira e a segunda, como a oitava e a nona, são mais compridas que as outras, e é por isso que Kajetan Esser divide-as, chegando a 14 estrofes como na versão apresentada aqui e que passaremos a examinar minuciosamente, verso por verso neste e no próximo capítulo. Com o objetivo de apresentar a mística que conduz Francisco, e que resplandece, na construção orgânica do texto, desejamos investigando, chegar à unidade linguística, nos seus elementos constitutivos para descrevê-los e classificá-los para compreender a fraternidade cósmica realizada por Francisco e, detectar as ressonâncias e influências à vivência da nossa mística. Para também vibrar, na frequência própria da nossa época, a intimidade com o “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, expresso no radical seguimento de Jesus Cristo, como contemplamos no capítulo anterior.

⁸¹⁵ Cf. ESSER, K., *Gli Scritti di San Francesco d'Assisi. Op. Cit.*, p. 157-158.

5.1.

A estrofe de abertura: a mística de Francisco de Assis diante do “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”

Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção. Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te (Cnt 1-2).

Com estas palavras começa o hino das criaturas, exemplar místico de louvor, uma das mais refinadas criações da literatura e também uma das mais profundas. Não há uma só obra, nem do próprio Francisco, nem dos seus biógrafos, da qual transpareça tão claramente a sua personalidade como do Cântico. Este texto propõe um prólogo e este prólogo está contido na sua provação anterior⁸¹⁶. Sem este prólogo a poesia de Francisco é incompleta, é incompreensível, é como um trecho de antologia. Compreendemos que o “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, como uma introdução solene, registra já na abertura, a expansão da gratidão de uma pessoa que foi libertada duma angústia indizível que estando fazendo uma radical experiência de Deus, encontra a paz na alegria da vida fraterna com todos os seres dados pelo Criador⁸¹⁷.

O Cântico possui uma estrutura, advinda da análise interna do texto, que podemos considerar como mística eucarística. Veremos que para Francisco a criação é a razão ou o primeiro motivo de ação de graças, a ação de graças pelas criaturas e louvor ao Criador, nunca ausente delas, Francisco, o ser humano eucarístico na sua mística, expressa a sua experiência da criação em profusão de agradecimento e louvor. O agradecimento e o louvor são os elementos adequados e imprescindíveis do conhecimento comunicativo da criação. A percepção do mundo como criação suscita alegria pela existência. O oferecimento do mundo para Deus, no agradecimento, suscita criatividade, liberdade e louvor de tudo quanto existe: “Teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção” (Cnt. 1). Ainda escreve o santo: “Louvem-no glorioso, céus e terra (*cf. Sl 68,35*)... E toda criatura que há no céu e sobre a terra, que há debaixo da terra e no mar e as que nele existem (*cf. Ap. 5,13*)” (LH 7-8).

⁸¹⁶ Todo o contexto já apresentado no capítulo anterior, através das citações das Fontes.

⁸¹⁷ Cf. DOORNIK, N.G.V., Francisco de Assis, Profeta de nosso tempo. *Op. Cit.*, p.148-149.

Francisco percebe o mundo como uma comunicação gratuita da comunhão de Deus. Faz ecoar os Salmos da criação (cf. Sl 8; 19; 104 e outros) e o livro de Daniel (cf. Dn 3), hinos de louvor e exaltações ao Criador onde o santo de Assis revela-se como homem eucarístico celebrando a liturgia cósmica do mundo como criação de Deus, sacramento da presença escondida de Deus. Eis porque pode acolher e reverenciar conscientemente a criação na ação de graças e representá-la conscientemente no louvor divino⁸¹⁸.

É um louvor vicário, feito em nome de todas as criaturas. Ele louva em comunhão com todo o universo, que canta a glória de Deus. Francisco canta misticamente a sinfonia da criação, ele mesmo alegoricamente improvisa pedaços de madeira como violinos e canta na alegria a Deus, na língua francesa, cânticos sobre o Senhor, o louvor jubiloso pela sua bondade (cf. 2EP 93): “Por isso, este santo dava contínuos suspiros e, com repetidos gemidos, elevava-se ao céu, esquecido das coisas inferiores que estavam na sua mão” (2Cel 127,5).

As estrofes, primeira e última,⁸¹⁹ servem de moldura, caracterizando o canto como um louvor de Deus: ao “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor” pertence toda honra⁸²⁰. A pequenez do ser humano se aproxima da grandeza de Deus: ninguém é digno sequer de nomeá-lo. Apesar disso, o ser humano não é anulado por Deus, mas pode apresentar-se diante dele, como criatura livre, amada e conduzida por sua bondade. A existência humana é louvor e serviço e, por isso, o Cântico termina convidando a louvar e servir a Deus. A primeira e a última estrofe constituem respectivamente uma espécie de saudação inicial e de despedida, e qualificam todo o canto como louvor místico a Deus. Se perdermos de vista essa característica mística fundamental, correremos o risco de interpretar o Cântico de um modo unilateral e equivocado⁸²¹.

⁸¹⁸ Sobre este caráter eucarístico presente na criação e a comunhão eucarística da criação, ver: MOLTSMANN, J., Deus na Criação. *Op. Cit.*, p. 111-113; ERNESTO, P., *Ecologia Francescana. Approccio morale al problema ecologico agli albori del terzo millennio*. Roma: Bannò, 2002, 23-24.

⁸¹⁹ A última estrofe do Cântico será motivo do nosso estudo na última parte do capítulo ulterior.

⁸²⁰ No cântico de Francisco o destinatário e protagonista é o Deus Altíssimo e Onipotente que criou o sol e todos os demais elementos, criaturas todas, com o ser humano, criadas por Deus, convocadas por Francisco, para cantar ao Criador o reconhecimento do Senhor e sua ação em suas vidas. Cf. MARÍA, F., El cântico de las criaturas. *Op. Cit.*, p. 14.

⁸²¹ Cf. LEHMANN, L., Francisco mestre de oração. *Op. Cit.* p. 218.

Francisco, coerente com o seu estilo literário abre o Cântico estabelecendo, em singular coincidência verbal com o início do último capítulo da Regra não Bulada capítulo 23, esta Regra de vida proposta à sua fraternidade está inserida na mística franciscana e a representa, em síntese todo o desejo do santo, e especificamente este capítulo recolhe a aproximação entre o ser humano e Deus, “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, a Ele são dirigidos “os louvores, a glória, a honra e toda bênção”, enquanto o ser humano nem sequer é digno de nomeá-lo⁸²².

À primeira vista, observamos imediatamente que os dois primeiros dísticos são inseparáveis. A estrofe introdutória repete em ritmo alterno o objetivo da composição: o louvor a Deus com as criaturas. É como se duas pessoas estivessem conversando em duas direções: uma vertical e outra horizontal⁸²³. E de fato, estes dois elementos principais, Deus e o ser humano têm como interlocutor a criação. Dos quatro primeiros conceitos que formam o primeiro verso do Cântico, transparecem três vocativos: Altíssimo, Onipotente e Bom, que se unem ao único nome substantivo, Senhor, indicando a saudação ao louvável, abrindo, não ao improviso, mas apontando toda a temática subsequente do conteúdo ao Hino de Louvor que o santo deseja realizar⁸²⁴.

Sob este fundamento inicial se estrutura todo o Cântico, pois, é desta visão de Deus que nascerá a piedade viva e atuante de Francisco, por meio da manifestação místico-poética. Deus é o mais alto, o todo-poderoso e a fonte suprema da bondade; a Ele pertencem o louvor, a glória, a honra e toda a bênção devidas pelo ser humano, que apesar de ser a única criatura dotada da palavra, é indigno de mencionar o seu santo nome. Na sequência dos três adjetivos com que se abre o poema sentimos o terceiro como o mais fortemente próximo a nós e o que detém o ímpeto rítmico inicial; mas é o primeiro o que

⁸²² Quando estudamos a experiência pessoal de Francisco com o seu Deus, contamos com duas dificuldades: Francisco não escreveu um tratado sobre Deus. Tarefa que competia a um teólogo, Francisco se reconhece como homem ‘simples... ignorante e idiota (cf. Test. 29; Ord. 39). Francisco, ao contrário de alguns místicos, não descreve a sua experiência mística. Contudo de alguma maneira ele deixa transparecer, através de seu modo de pensar, de falar, de rezar, de exortar, enfim através de seu modo de se exprimir, um reflexo, uma imagem do Deus Altíssimo de sua experiência. Cf. TEIXEIRA, C. M., Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p.196-197.

⁸²³ Estabelecida esta distância, nasce mais profundo, poder-se-ia dizer, mais inevitavelmente necessário o louvor dirigido a Deus, com tudo aquilo que ele criou, “com todas as tuas criaturas e especialmente o sol”. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 291.

⁸²⁴ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.*, p. 12.

estabelece e determina o espaço celestial da sua mística: Altíssimo, o mais alto, o supremo.

5.1.1.

Francisco de Assis e a sua experiência mística de Deus

Nesta primeira estrofe, que estamos analisando, percebemos a elevação mística de Francisco com ardente exaltação da sua experiência pessoal até Aquele que é a suprema realização do seu desejo, sua experiência mística com o Senhor.

Por haver concedido Jesus expressar-se através dele, anuncia Francisco sobre Jesus uma mensagem há um tempo simples e completa. No intuito de resumir esta mensagem, emprega-se, por vezes, a expressão cristocêntrica: Francisco teria posto Cristo no centro de toda a experiência mística da sua existência. Porém, no evento da Conversão de Francisco, em São Damião, não centralizou Jesus Cristo o olhar de Francisco sobre sua pessoa. “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída” (2 Cel 10; cf. LM II,1). Orientou o Crucifixo do Santuário em ruínas o olhar de Francisco para a vida ameaçada⁸²⁵. A mística seráfica é toda teocêntrica no seu fundamento e na sua estrutura; na sua origem e crescimento, na ação apostólica⁸²⁶, na doutrina e na devoção, vida interior⁸²⁷. Escreve frei Alberto Beckhäuser: “Para Francisco ‘*devotio*’⁸²⁸ significa a reta relação do homem com Deus. Assim o frade menor

⁸²⁵ Cf. SANTANER, M-A. Francisco de Assis e de Jesus. *Op. Cit.*, p. 232; SCHMUCKI, O. La visione di Dio nella pietà di San Francesco di Assisi. In.: *IF* 57(1982), p. 507-524.

⁸²⁶ Para a compreensão franciscana dessa ação apostólica, como já apontamos acima, aqui em preciosa síntese: Apostolado. Índice analítico-temático. In.: *DF*, p. 807-808.

⁸²⁷ Francisco de Assis convoca os seus frades à devoção-adesão. Expressa seu pensamento em três momentos extraordinários: à vida de oração dos frades, à vida do trabalho cotidiano da comunidade, o zelo quanto à forma de se relacionar com a vida acadêmica, que os frades jamais percam o princípio de adesão mística da devoção. “E que os clérigos rezem o Ofício com *devoção* diante de Deus, não atendendo à melodia da voz, mas à consonância da mente, de maneira que a voz concorde com a mente, e a mente concorde com Deus” Ord 41 (1220/1. Na RB 5 (1223): “Aqueles irmãos aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar trabalhem fiel e devotamente, de modo que, afastado o ócio que é inimigo da alma, não extingam o espírito da santa oração e *devoção*, ao qual devem servir as demais coisas temporais”. E por fim na Carta a Santo Antonio (1224) o santo é radical ao apresentar as exigências para permitir a entrada dos estudos na Ordem: “Apraz-me que ensines a sagrada teologia aos irmãos, contanto que, nesse estudo, não extingas o espírito (cf. 1Ts 5,19) de oração e *devoção*, como está contido na Regra” (Ant 2). Cf. BECKHÄUSER, A. São Francisco de Assis e a oração. In.: VV. AA. Nosso Irmão Francisco de Assis. *Op. Cit.*, 1975, p.138-139.

⁸²⁸ Para um estudo completo da *devotio* nos Escritos de Francisco, cf. MATANIC, A. Francesco d’Assisi. Fattori causali della sua spiritualità. *Op. Cit.* p. 55-71. Escreve esta autor:

é convidado a dedicar ou devotar a sua vida a Deus em todos os momentos”⁸²⁹. Porém este cristocentrismo de Francisco – e naturalmente cristão – se compreende como o meio, não o fim, e se fundamenta sobre a revelação de Cristo, que se apresenta ao mundo como “caminho” (Jo 14,6)⁸³⁰ para ir ao Pai e como mediador único entre Deus e os homens: “Há um só Deus e também um só mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5).

Para Francisco, o homem-Deus, rei dos séculos (cf. 1Tm 1,17), ao redor do qual todas as criaturas se dispõem como planetas que ‘procuram’ o sol, é, no tempo, o centro de gravitação universal. Toda a criação é ordenada a Ele: mundo visível e invisível, pois nele, Jesus Cristo, tudo foi criado: “Nos céus e na terra, tanto os seres visíveis como os invisíveis... tudo foi criado por ele e para ele” (Col 1,16)⁸³¹.

É confirmado pela linguagem expressa em muitas orações de Francisco. As orações sempre dirigidas a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Naturalmente Francisco chega ao Pai no Espírito, apoiando-se sobre o homem Deus nascido de Maria. Mas devemos reconhecer que, na oração, Francisco volta sempre ao Pai como manancial último do mistério da vida. Mais do que cristocentrismo somos conduzidos à afirmação do teocentrismo, se quisermos definir numa palavra a visão interior e a experiência de Francisco⁸³².

na vida franciscana, que se expressa como seguimento de Cristo tanto na vida escondida e contemplativa como naquela pública e apostólica. Francisco recomendava saber conciliar e preferir e considerar a precedência da devoção, do Espírito do Senhor, que é a alma de cada verdadeiro serviço ao Espírito mesmo”, p. 65. Ainda sobre o tema da *devotio* na vida e nos Escritos de Francisco: cr. CIGNELLI, L. La devozione nella vita di S. Francesco d’Assisi. In: *QSF*, n. 14, 51-72.

⁸²⁹ *Ibid.*, p. 138.

⁸³⁰ A expressão “caminho” toma, no Evangelho de João uma significação profunda: Jesus não é somente o caminho na medida em que, por seu ensinamento, ele conduz à vida; ele é o Caminho que conduz ao Pai na medida em que ele próprio é a verdade e a vida (cf. Jo 10,9). Para João, Jesus é o único Caminho: existindo desde sempre em Deus (cf. 1,1), ele se tornou um de nós, ou seja, trouxe para dentro da nossa caminhada histórica o projeto de Deus. Jo 14,6 deve ser lido numa dimensão comunitária: Jesus é o Caminho da Verdade e da Vida, não tanto por causa de uma adesão mística individual a ele, mas antes por causa da fidelidade a ele em sua comunidade – finalidade principal da mensagem do Quarto Evangelho. Jesus, no momento de passar deste mundo para o Pai, abre o Caminho para a comunidade que o segue: sua vida e sua prática conduzem a humanidade ao encontro definitivo com Deus. Ele é o único Caminho para a Via. Ele é a Vida e, ao se comunicar, comunica vida. Cf. BORTOLINI, J. *Como Ler o Evangelho de João*. O Caminho da Vida. São Paulo: Paulus, 1994, p. 137-138; KONINGS, J. *Evangelho segundo João*. Amor e fidelidade. Comentário Bíblico. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 310-311. NICCACI, A.; BATTAGLIA, O. *Comentário ao Evangelho de São João*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 208-209.

⁸³¹ CICCARELLI, M. M. *I misteri di Cristo nella spiritualità Francescana*. Benevento: Stab. R. Scotti, 1962, p.823-824.

⁸³² Cf. MARIANI, E. Oração, rezar, meditação. In.: *DF*, p. 500-501.

Francisco vive a experiência mística de Deus no amor àquele que foi ‘dado e nasceu (Is 9,6) no caminho’ (cf. OP 15,7). A expressão que o santo usa ‘*natus fuit in via*’ pode, à primeira vista, parecer estranha, mas tem sua força e significado próprios, pois quer mostrar que o Cristo nasceu como peregrino, como itinerante. O Ofício da Paixão objetiva a oração daqueles que também devem fazer da vida orante um caminho para o Pai, no caminho histórico, à semelhança daquele que se fez Caminho.

O Altíssimo é uma iluminação das alturas do seu coração, Francisco quer voar aos braços do seu Senhor e, não o podendo, apela para todo o cosmos. É como um compositor que, no final de sua sinfonia, não consegue terminá-la só com os instrumentos e faz que a voz humana domine tudo com seu canto. Portanto é um sentimento de libertação interior e confiança em Deus Altíssimo.

Comparando a invocação Deus Altíssimo ao Decálogo (cf. Ex 20,1^{ss}; 34,1^{ss}; Dt 5.6^{ss}), se deduz que a primeira estrofe concorda com o primeiro mandamento da Lei de Deus: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20,3); “Não te prosternarás diante de outro deus, porque o nome do Senhor é ‘Ciumento’. Ele é um Deus ciumento” (Ex 34,14). Basta notar que a mesma define automaticamente: “homem algum é digno de mencionar-te”: “Não pronunciarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Dt 5,11)⁸³³. Nesta perspectiva, falando de si mesmo, Francisco se inscreve entre os que são indignos, como relata na Carta enviada a toda a Ordem: “Eu, frei Francisco, homem inútil e indigna criatura do Senhor Deus” (Ord 47)⁸³⁴.

Francisco tem consciência de que Deus não é somente Aquele a quem é devido todo o louvor: está acima de todo louvor. O pensamento que se exprime neste verso aparece já na RNB: “E porque nós todos, miseráveis e pecadores, não somos dignos de proferir vosso nome” (RNB 23,5). Importa dar aqui ao ato de nomear a sua significação bíblica:

O nome, na Bíblia, exprime o próprio ser na sua vocação profunda. O ato de nomear é, portanto, uma como que captura do ser, uma tomada de posse do espírito. Assim, no Gênesis, o homem que Deus acaba de criar é por ele convidado a dar um nome a cada um dos animais da criação. Quando Jacó pergunta o nome do desconhecido contra quem se bateu toda a noite, ouve responder: ‘Porque perguntas o meu nome?’. Todavia Jacó acaba por ser

⁸³³ Para um estudo apurado da exegese do texto bíblico dos dez mandamentos e sua dignidade ética: ZENGER, E. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 75-96.

⁸³⁴ Cf. DOORNIK, N.G. V. Francisco de Assis, Profeta de nosso tempo. *Op. Cit.* p. 149-150.

reconhecido pelo adversário como sendo ‘mais forte do que Deus’. Deus, porém, que se deixou vencer, continua Deus. Guarda ciosamente o seu mistério. E isto simplesmente porque é Deus, porque é o Único. Em torno de Deus há uma glória insondável⁸³⁵.

As atribuições ao Deus Altíssimo tipicamente do estilo salmodia, faz um retrospecto da imagem psicológica de Francisco⁸³⁶, deixa transparecer ao mesmo tempo a sua conceituação de Deus⁸³⁷, devido o seu ser ainda não saciado Dele, o que o determina como um adorador perpétuo do Altíssimo Deus na sua Majestade divina⁸³⁸.

Francisco é um místico, e, portanto os atributos a Deus, refletidos da sua experiência de Deus, na introdução do Cântico, permanecem sempre não somente indizível (inenarrável e inefável), mas também incompreensível sob a ótica da pura introspecção intelectual (investigável e incompreensível). Na totalidade se pode observar que na sua concepção, a transcendência⁸³⁹ de Deus é absoluta, passando por uma categoria de termos que exprimem as tradicionais categorias teológicas transcendentais da majestade divina, da sua santidade, e da sua bondade divina.

Para Francisco não há experiência da transcendência sem o conhecimento *hic et nunc* de um objeto, como também este último, aqui as criaturas, seria impossível se o seu espírito humano não se lançasse mais além do mesmo horizonte sem limites, que revela o objeto concreto como finito, mas

⁸³⁵ LECLERC, E. O Cântico das Fontes. O universo fraterno de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 33.

⁸³⁶ Segundo as fontes que citaremos em seguida veremos que as expressões usadas por Francisco na primeira estrofe, tem o seu estilo poético motivado pela contemplação dos mistérios divinos profundamente marcados pelo estilo dos Salmos: cf. SCHMUCKI, O., *Linee fondamentali della ‘formae vitae’ nella esperienza di San Francesco*. In GARDAROPOLI, G – CONTI, M., (Org). *Lettura bíblico-teologica della fonti francescane*, Roma: Antonianum, 1979, 183-231; CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 121-174; RAURELL, F., *Lettura plurale del testo: i metodi biblici*. In: COVI, E., - RAURELL, F., *Metodi di lettura delle Fonti Francescane*. *Op. Cit.* 80-115.

⁸³⁷ “Francisco utiliza a ‘teologia negativa apofática’ para uma primeira e indeterminada categorização da transcendência divina. Para ele, Deus é o mistério inenarrável, inefável, incompreensível, investigável, imutável e invisível (cf. RNB 23)”. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 14.

⁸³⁸ Sobre o estudo da experiência de Francisco de Assis, como o adorador do Altíssimo, ver: OCCHIALINI, U., San Francesco e il suo rapporto personale con Dio. In.: *QSF* 14 (1967) p. 37-50; cf. RNB 23.

⁸³⁹ A transcendência que Francisco contempla não é uma realidade longínqua, em si mesma fechada. Manifesta-se-nos no mistério da Encarnação, na humanidade do Filho de Deus. A transcendência de Deus só aí deve ser contemplada; é indissociável do grande mistério de humildade e de amor. Cf. LECLERC, E.: O Cântico das fontes. O universo fraterno de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 32.

possibilitando a sua compreensão⁸⁴⁰. No Cântico concluímos que o Altíssimo para Francisco é o *Tremendum*, o Totalmente Outro, atraente e fascinante⁸⁴¹, mas que se faz próximo pela encarnação, como vimos no capítulo anterior.

Na perspectiva da mística de Francisco, e especificamente no Cântico que estamos refletindo, a compreensão do termo ‘Altíssimo’ é a aproximação de um conceito chave atribuído a Deus que se encontra na Palavra da Revelação bíblica. A Sagrada Escritura não conhece o termo ‘transcendência’, mas para exprimir a realidade de um Deus que tudo ultrapassa, os autores dos livros sagrados empregam expressões de sua concreta mundivisão: Deus é altíssimo (cf. Sl 7,9.18); Deus habita nos céus altíssimos (cf. 104, 2; 115, 3); o seu nome é grande e sobre os céus se eleva a sua magnificência (cf. Sl 8,2)⁸⁴².

Francisco não conhece, pelo menos nunca utiliza, a palavra ‘transcendência’ e se exprime como na Sagrada Escritura: Deus é altíssimo, é Pai santo, é onipotente, é rei do céu e da terra. Ao Altíssimo Francisco reserva todo o louvor:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e sumo e reconhecamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo Altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos; e ele receba todas as honras e reverências, todos os louvores e bênçãos, todas as graças e glória (cf. Ap 5,12), ele, de quem é todo o bem, o único que é bom (cf. Lc 18,19) (RNB 17,18)⁸⁴³.

Ressaltamos que o significado semântico – literal do termo Altíssimo usado por Francisco se delimita do contexto no qual esse se encontra⁸⁴⁴. No caso do Cântico, o santo se refere a Deus por ser o Criador do sol, da lua, da terra, do fogo, do vento e demais criaturas. Enquanto que em outros casos, ele se exprime fazendo uso de uma outra categoria para externar a transcendência de Deus, chamando-o de Santo (cf. Adm 21).

Francisco usa o adjetivo “Onipotente” atribuindo-o somente a Deus. Que o termo ‘Onipotente’, como ‘Altíssimo’ tem a sua origem na Revelação é

⁸⁴⁰ Cf. POMPEI, A., Deus, Trindade, Senhor. In: *DF*, p. 145-146; LORSCHIEDER, A. I fundamenti teologici della Spiritualità francescana. In: *QSF* 1 (1964), p. 61-65.

⁸⁴¹ Cf. SCHUCKI, O., Saggio sulla spiritualità di San Francesco. In.: *IF* 42 (1967), p. 103-105.

⁸⁴² Os salmos reivindicam a subordinação do homem a Deus e sua obrigação de servir às criaturas para render graças ao Criador, nesta perspectiva franciscana. Cf. BERNARD, C.A. *Théologie Affective. Op. Cit.*, p. 67-68.

⁸⁴³ No primeiro fragmento da Regra não Bulada, lemos: “E atribuamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e sumo e reconhecamos que todos os bens são dele” 1Fr 54.

⁸⁴⁴ Cf. BRANCA, V., *Il Cantico di Frate Sole. Op. Cit.* p. 82-92.

desnecessário demonstrar. Já no AT o termo ‘Onipotente’ é fundamental para a imagem de Deus. Na primeira página da Sagrada Escritura Deus se manifesta como Onipotente: basta uma palavra sua e tudo vem à existência (cf. Gn 1, 1-31)⁸⁴⁵.

Deus é o Onipotente por agir como Criador, ele torna a vida possível no mundo. Nesta perspectiva, as diversas fases da criação se coordenam claramente, bem como sua finalidade: tornar possível a vida onde antes não era. Nada acontece a não ser por Deus na sua Onipotência. “Sobre ele ou, antes, sobre a palavra criadora onipotente repousa a vida. Se Deus a retirasse, tudo voltaria às trevas, às águas destruidoras, à morte”⁸⁴⁶. E Deus manifesta cada vez de novo a sua onipotência quando salva o seu povo, realizando maravilhas⁸⁴⁷.

Também para Francisco Deus é Onipotente em seu agir. Ele não se cansa de louvar e agradecer a Deus pela Sua Onipotência que realiza maravilhas, inicia três orações com o vocativo Onipotente: “Onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus” (Ord 50); “Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus”(LH 11) e “Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, Pai santo (Jo 17,11) e justo, Senhor Rei do céu e da terra” (RNB 1).

Diante das maravilhas de Deus Onipotente Francisco se coloca em renovada atitude de gratidão. As maravilhas que manifestam o agir Onipotente de Deus são a criação, a encarnação e o nascimento de Cristo, a redenção e a vinda de Cristo na glória (parusia), intervenções fortes de Deus na história, lugar onde se concretiza o agir Onipotente de Deus (cf. RNB 23,4-4), aproximado das criaturas, na pessoa do Filho.

Francisco não contempla a Onipotência de Deus somente nas grandes intervenções salvíficas na história. Ele experimenta também em sua vida

⁸⁴⁵ “Deus é o soberano que dá ordens e elas se cumprem, é o artesão que executa e contempla com prazer a obra bem-feita, é o poeta que pronuncia os nomes primigênicos. Pela ação de Deus e sua aprovação autêntica, toda a criação com suas partes é boa e bela, harmoniosa e não confusa. Coroa de todos é o homem, imagem de Deus por senhorio recebido (Sl 8), talvez como interlocutor na terra de Deus; homem e mulher como sede da fecundidade partilhada e como primeira célula social. Pode-se comparar esse poema hierático com outros de tema semelhante: Sl 104 e 148; Eclo 43; e numerosas referências ao Deus Criador: pela palavra e pelo alento (Sl 33, Jo 1), com a colaboração da Sabedoria transcendente (Pr 8)”. Nota correspondente da Bdp., São Paulo: Paulus, 2002.

⁸⁴⁶ PIDOUX, G., Criação. In.: *VB*, Op. Cit., p. 76-77

⁸⁴⁷ “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou o seu povo e realizou a sua libertação” (Lc 1,68).

mística as maravilhas da Onipotência de Deus. Por isso tem uma conotação implícita de autobiografia a frase que ele escreve pouco depois do acontecimento da estigmatização no Monte Alverne: “Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas” (Sl 76, 15) (LD 1).

No Testamento, Francisco não evoca explicitamente o acontecimento do Monte Alverne como uma maravilha que Deus operou em sua vida. Ele prefere evocar o momento de sua conversão, no qual experimenta a ação onipotente de Deus em sua vida:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles (Test. 1-2. cf. 1Cel 17).

O *poverello* de Assis considera a sua conversão uma ação do Onipotente em sua vida. É o Senhor que lhe concede iniciar uma vida de penitência, fazendo-o superar as dificuldades do próprio Eu (a dificuldade de ver leprosos); é a ação do Senhor que o conduziu entre os leprosos. A expressão “O bem que o Senhor diz e faz” traduz claramente a consciência de Francisco de que a onipotência de Deus age na vida cotidiana. A Deus é atribuída a exclusividade do bem: “Portanto, todo aquele que inveja seu irmão, por causa do bem que o Senhor diz e faz nele, pertence ao pecado de blasfêmia, porque inveja o próprio Altíssimo (cf. Mt 20,15) que diz e faz todo o bem” (Adm 8,3).

Todo o bem na vida do ser humano provém da ação de Deus. É Deus quem torna bom o falar e o agir humano: “Com isto nos encontramos diante de uma das convicções religiosas fundamentais do nosso seráfico Pai”, como bem comenta Kajetan Esser⁸⁴⁸. Consciente de que a Onipotência de Deus opera e diz todo o bem, Francisco exclui a pretensão do irmão que por ventura quiser se gloriar de algum bem: “Igualmente se fosses mais belo e rico do que todos e também se operasse maravilhas, de maneira a afugentares os demônios, tudo isto te é contrário, e nada te pertence, em nada dessas coisas podes gloriar-te” (Adm 5,7).

O santo de Assis convida os irmãos a atribuir ao Senhor Onipotente todo o bem (cf. RNB 17,17). Portanto o termo Onipotente nos possibilita contemplar

⁸⁴⁸ ESSER, K. *Le Ammonizioni di S. Francesco d'Assisi*. Roma: Cedis, 1974, p. 130.

a sua imagem de Deus relacionada com o agir divino. Deus é Onipotente porque age na história realizando maravilhas. Toda a história da salvação é manifestação do agir onipotente de Deus, mas é uma onipotência que se manifesta na vida de cada fiel, pois é Deus quem opera todo e qualquer bem no ser humano e através deste ser humano⁸⁴⁹.

O Cântico é a auto revelação dialogante do ser humano com o Altíssimo, Onipotente, Criador, juntamente com todo o universo, transformando-o no templo de Deus, na comunhão com a Trindade, com o ser humano e com todas as criaturas.

O Deus contemplado por Francisco ele correlaciona, na abertura do Cântico, sobretudo ao amor de Deus que cria o universo (cf. RNB 23): o Bom é o Criador de todas as criaturas⁸⁵⁰. Por isso Ele é Amor: “Na caridade que é Deus (cf. 1Jo 4,16) (RNB 17,5)⁸⁵¹ fazendo-se um de nós, pobre e obediente até a morte de cruz por amor, pois Jesus Cristo é o Servo amoroso por excelência (cf. RNB 4).

Nesse contexto, o amor para Francisco segue as mesmas linhas e indicações do Evangelho de Jo 4,14⁸⁵². Dentro da visão histórica da salvação a imanência divina categorizada em termos de amor, se concretiza em múltiplas formas operativas do Espírito de Deus. E entre estas, na forma da sua bondade na criação (cf. RNB 16; 23,69-71; Adm 5)⁸⁵³. Compreende-se que “O Bom Senhor” é o

Cristo-Espírito que já estava agindo no mundo desde o início (cf. Gn 1,2): era a força criadora na natureza (cf. Jó 37,10; Gn 2,7) e no homem (cf. Gn 2,7; Sl

⁸⁴⁹ Cf. TEIXEIRA, C.M., Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 221-222.

⁸⁵⁰ “Deus criou tudo para o bem. Cada criatura (Ktísma) é boa e nada deve ser descartado, jogado fora, desrespeitado e mal visto, de tudo aquilo que Deus criou...” BOFF, Lina. Da esperança à vida plena. *Op. cit.* p. 32, além de todo o capítulo sobre o tema da Nova Criação na tradição do Novo Testamento, p. 26-36.

⁸⁵¹ Lemos na Carta que Francisco escreve aos fiéis: “Rogamos na caridade que é Deus (cf. 1Jo 4,16) a todos aqueles a quem chegar esta carta que recebam benignamente e com divino amor estas supracitadas odoríferas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo” (1Fi 19)

⁸⁵² Jesus é mais que Jacó, mais que a sabedoria dos livros bíblicos. A comunhão com Jesus, simbolizada pela água do Batismo, é uma fonte de vida que não estanca e que nos comunica o Espírito. O encontro com a bondade de Deus não é o templo de Jerusalém, nem o do Garizim, nem qualquer outro, mas Jesus mesmo. Ele é o santuário do qual brota a água viva do Espírito. Cf. KONINGS, J. Evangelho Segundo João. *Op. Cit.*, p. 142-143.

⁸⁵³ Chama atenção entre tantas outras características da sua conceituação do amor, é a transcendentalização da Paternidade de Deus (LM 2,4), que o torna o irmão de todas as criaturas alargando as extremidades do seu amor em Deus, até os limites cósmicos, chamando de irmãos e irmãs, todos os elementos inanimados, numa inter-relação operativa, dialogante e de paridade (cf. 2Cel 61; 3Cel 5,33).

104,30; Jó 27,3); era ele o poder de Deus, criador das funções espirituais de sabedoria, de inteligência, de senso artístico e de habilidade (cf. Ex 31,3;35,31; Is 11,2)⁸⁵⁴.

Desta forma o Senhor não está longe de nós e toda a criação nos seus elementos materiais são *sacramentos* que nos colocam em comunhão com Ele, pois que eles, no mais íntimo de seu ser pertencem à própria realidade de Cristo Senhor. Francisco compreende Aquele que está presente no coração de todas as coisas e, a partir do seu mistério, se relaciona com elas, com tudo que possui os traços do seu rosto⁸⁵⁵.

O “Bom Senhor” se associa ainda ao “meu Senhor” e assume valor moral afetivo, igualando-se ao pronome “Meu”, que determina o substantivo que é relacionado à pessoa que fala (primeira pessoa do singular), significa e pertence a; devido a quem fala; da preferência ou predileção de quem fala; querido, estimado por quem fala; ‘*mi*’ no original: dativo ético, que significa amor ardente⁸⁵⁶.

Um exemplo desta linguagem já se encontra em São Bernardo: “Quem, pois é esta via (caminho) dos corações melhor que o meu Senhor Jesus Cristo? “Eu não desejo nem a aparição dos anjos, porque o meu Jesus a supera por sua beleza e a sua majestade”⁸⁵⁷.

O Cântico evoca o canto do servo que se reconhece quase um nada diante da grandeza de seu Senhor. Por isso se torna submisso, humilde, consangüíneo de todo ser criado. Pela alegria da causa de seu Senhor, celebra todo o Universo criado. No particular de seu ideal, abraça a tudo, com muita generosidade, servir a este Senhor não é estar numa intensa vida de combate, mas é ser fraterno, bom e simples⁸⁵⁸. O reconhecimento da transcendência do Senhor Deus nada tem, no Cântico, e em toda a mística de Francisco, de opressivo, de esmagador. Pelo contrário, expande-se num sentimento desdobrante de gratidão. O Cântico quer se constituir deste ponto em profunda concepção essencialmente ressoar de ação de graças. É que o Altíssimo não é somente o Onipotente, é igualmente o Bom Senhor. Mais precisamente, é uma

⁸⁵⁴ BOFF, L., Jesus Cristo Libertador. *Op. Cit.* p. 227.

⁸⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 233-234.

⁸⁵⁶ Cf. NASCIMENTO, J.R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 13.

⁸⁵⁷ BERNARDO, S., In.: Cantica, Sermo II, 2. Apud. NGUYEN-VAN-KHANH, N., Gesù Cristo nel pensiero di San Francesco secondo i suoi Scritti. *Op. Cit.* p. 56.

⁸⁵⁸ Cf. MAZZUCO, V., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 110.

onipotência de bondade. Francisco reconhece que esta onipotência, infinitamente santa e boa, é uma fonte de bem soberana e pura⁸⁵⁹.

O Deus que Francisco se propõe louvar no seu Cântico não é a alma do mundo, nem ainda uma última profundidade do ser humano. É o Deus que indizivelmente se projeta acima de tudo que é, de tudo o que possa ser cogitado, é o Deus cuja grandeza e dignidade não podem ser expressa pela própria criatura, mas experimentado como bom, onipotente, altíssimo, seu Senhor.

Para Francisco, a concepção trinitária do Deus cristão é uma chave que articula coerentemente a identidade e a alteridade. O Deus trindade escapa do signo de uma identidade solitária e se revela como amor Criador-Salvador. O Deus cristão é profundamente respeitoso e amoroso para com as criaturas livremente criadas à sua imagem e este amor trinitário se aproxima das criaturas, à renovação de todas as realidades por força e dinâmica da sua presença. Sua expressão mística de Deus Trino é amoroso encontro de dois amores, o seu (amor) e Deus (Amor).

5.1.2.

Francisco de Assis e a mística do amor trinitário de Deus

Francisco, como vimos, vive a sua mística sob a dimensão trinitária⁸⁶⁰. Segundo o estudo de Adolfo Oxilia, as tríplexes introdutórias do Cântico são invocações ao mistério da Santíssima Trindade⁸⁶¹. Francisco é conduzido pela iniciativa de Deus à descoberta de Cristo; o Cristo irmão levou-o à descoberta de Deus Pai⁸⁶². É uma experiência pessoal que se vê refletida nos textos bíblicos, com que se abre a primeira Admoestação sobre o corpo do Senhor:

⁸⁵⁹ Cf. LECLERC, E., O Cântico das Fontes. O universo fraterno de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 31.

⁸⁶⁰ Ainda, para a fé e devoção no mistério trinitário, Deus trino e uno, na vida e nos escritos de Francisco, com vasta pesquisa bibliográfica: POMPEI, A. Deus. In: *DF*, especificamente as páginas 154-158.

⁸⁶¹ Cf. OXILIA, A., *Il Cantico delle Creature*. Assis: TP, 1984, p. 11-13.

⁸⁶² “A Trindade econômica (como hoje novamente se diz para indicar a atividade divina em favor do criado) aparece também onde Francisco fala da mediação do Filho na Criação, na Encarnação redentora, na glorificação final dos justos (cf. RNB 23,1-8). Consequentemente, a partir desta insistência sobre a Trindade econômica, isto é, acerca das missões temporais do Filho e do Espírito Santo da parte do Pai, no discurso de Francisco sobre o Pai, compreende-

Diz o Senhor Jesus aos seus discípulos: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai a não ser por mim. Se me conhecêsseis, certamente conheceríeis também meu Pai; desde agora o conheceis e o vistes. Diz-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta. Diz-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e não me conhecestes? Filipe, quem me vê, vê também meu Pai (Jo 14,6-9). O Pai habita na luz inacessível (cf. 1Tm 6,16), e Deus é Espírito (Jo 4,24), e ninguém jamais viu a Deus (Jo 1,18). Portanto, ele só pode ser visto em espírito, porque é o espírito que vivifica; a carne não serve para nada (Jo 6,64). Mas também o Filho, naquilo que é igual ao Pai, não é visto por ninguém de maneira diferente que o Pai e que o Espírito Santo (Ad 1, 1-7).

Notamos que no credo do santo de Assis, a Trindade ocupa o lugar dominante⁸⁶³. Não é apenas um puro mistério de fé, que se aceita e se venera, mas um mistério de vida contemplado e visto através do Espírito. A Trindade imanente, Pai, Filho e Espírito Santo, pela dinâmica interna do amor e da comunhão, se manifesta para fora do círculo trinitário íntimo. Ela pervade tudo e tudo está relacionado com a vida trinitária⁸⁶⁴. Como nas páginas de São João e de São Paulo, cada uma das três Pessoas é contemplada em sua ação dinâmica, enquanto cria, salva, anima, santifica e convida os homens e as mulheres a uma comunhão de vida no amor; a propósito, define Francisco:

Ó santíssimo Pai Nosso (cf. Mt 6,9).; Criador, Redentor, Consolador e Salvador nosso” (PN 1). E também: “Onipotente, Santíssimo, Altíssimo e Sumo Deus, Pai santo (Jo 17,11) e justo, Senhor Rei do céu e da terra (cf. Mt 11,25), nós vos rendemos graças por causa de vós mesmos, porque pela vossa santa vontade e pelo vosso único Filho com o Espírito Santo criastes todos os seres espirituais e corporais...Em qualquer parte, em todo lugar, a toda hora, em todo tempo, diária e continuamente, creiamos todos nós de verdade e humildemente e tenhamos no coração e amemos, honremos, adoremos, sirvamos... rendamos graças ao Altíssimo e Sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas e Salvador de todos os que nele crêem e esperam e amam...(RNB 23, 1.11-).

Deus Trindade cria o mundo por amor para fazer dele sua morada. Ele o chama à existência e, concomitantemente, se manifesta através da sua existência. Na criação do mundo, num transbordamento livre do seu amor,

mos que ele não só atribui à primeira Pessoa a criação, mas também a encarnação ativa do Filho (cf. RNB 23,1-5)”. POMPEI, A. Deus. In: *DF*, p. 154.

⁸⁶³ Sobre o mistério da Trindade na vida e na oração de Francisco, Cf. HUBAUT, M. Il misterio della Trinità vivente nella vita e nella preghiera di san Francesco. In: *Evangile Aujourd'hui*. La spiritualità di Francesco d'Assisi. Milão: EBF, 1993, p. 103-116; FREITAS, M.B.C., São Francisco de Assis e a experiência de Deus. In: VV. AA. *Francisco de Assis nosso Irmão*. Braga: EF, 1995, p. 17-31.

⁸⁶⁴ Como bem explica: BOFF, L., *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 265.

Deus Trindade sai de si mesmo, como expressão real e significativa da realidade da comunhão, e cria o universo. É a Trindade este mistério de inclusão, de relação, portanto, as criaturas são sacramentos da Trindade: “A Trindade na criação visa inserir a criação na Trindade”⁸⁶⁵.

A criação possui um caráter trinitário. Toda a criação é obra da Santíssima Trindade⁸⁶⁶. No ato da criação, as três Pessoas atuam concomitantemente, mas cada qual pessoalmente com as propriedades de sua Hipóstase (Pessoa)⁸⁶⁷. Assim temos que o Pai cria pelo Filho no Espírito Santo. O Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, é quem plenifica o universo e renova a face e o interior do cosmo⁸⁶⁸. Francisco compreende que com o Espírito Santo a criação é fruto da relação amorosa da Trindade. Este Espírito é sintonia geral, estrutura e a energia do universo⁸⁶⁹.

Há uma abertura para este mistério de vida, presente e operante em todos os batizados e, Francisco convida a todos a prepararem uma morada digna para as três Pessoas: “Façamos sempre uma habitação e um lugar de repouso (cf. Jo 14,23) para Ele que é o Senhor Deus Onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19) (RNB 22,27)⁸⁷⁰.”

Diante de Deus Altíssimo, transcendente e pessoal, tão pessoal que se entretém num diálogo permanente de salvação com cada ser humano, Francisco tem uma atitude de profunda reverência, que é, ao mesmo tempo,

⁸⁶⁵ *Ibid.*, p. 277. Expressa ainda Leonardo Boff: “A natureza não é muda; as pedras falam, o mar se expressa e o firmamento canta a glória de Deus. Nada é justaposto e está jogado ao acaso. Tudo se relaciona e entra em comunhão: o vento com a rocha, a rocha com a terra, a terá com o sol e o sol com o universo. Tudo é pericorizado, empapado de comunhão da Santíssima Trindade”. Apud., VIEIRA, P. T., *O nosso Deus: um Deus ecológico*. Por uma compreensão ético-teológica da ecologia. São Paulo: Paulus, 1999, p.51

⁸⁶⁶ A criação é o primeiro motivo de ação de graças ao Deus Trino que continua permanentemente cuidando da sua criação, sua obra comum, onde o Pai é a fonte de toda vontade criadora e o Filho mediador e exemplar. Cf. NGUYEN-VAN-KHANH, N. *Gesù Cristo nel pensiero di San Francesco secondo i suoi scritti*. *Op. cit.* p. 91-113.

⁸⁶⁷ Para compreender esta definição, e sua compreensão na evolução doutrinária da teologia, hipóstase=subsistência=pessoa: três realmente distintas, ver: BOFF, L., *A Trindade, a sociedade e a libertação*. *Op. Cit.* p. 113-116; “No Filho e no Espírito o próprio Deus está com os homens; Filho e Espírito são realidades próprias (hipóstases), que revelam plenamente a essência divina comum”. WERBICK, J., *Doutrina da Trindade*. In.: SCHNEIDER, T., *Manual de Dogmática*. Vol. II, (Org). Petrópolis: Vozes, 2002, p. 484.

⁸⁶⁸ Segundo a tradição teológica, toda a ação divina é pneumática em seu resultado. É sempre o Espírito que leva ao seu objetivo o agir do Pai e do Filho. O Espírito é fonte de tudo. A inauguração do novo e a renovação de todas as coisas é obra sua. Cf. VIEIRA, Pedro Tarcísio. *O nosso Deus: um Deus ecológico*. *Op. Cit.* p. 56-57

⁸⁶⁹ Cf. ASSELDONK, O. V., *Espírito Santo*. In.: *DF*, especialmente p. 204-206.

⁸⁷⁰ Cf. IRIARTE, L., *Vocação Franciscana*. *Op. Cit.*, p. 48-49.

gratidão, confiança, amor e principalmente uma imensa alegria filial, como percebemos ainda no texto da Carta aos Fiéis:

Quão bem-aventurados e benditos são aqueles e aquelas ao fazerem tais coisas e nelas perseverarem, porque pousará sobre eles o Espírito do Senhor (cf. Is 11,2) e fará neles habitação e um lugar de repouso (cf. Jo 12,23); e são filhos do Pai (cf. Mt 5,45) celestial, cujas obras realizam, e são esposos, irmãos e mães (cf. Mt 12,50) de Nosso Senhor Jesus Cristo... Como é glorioso, santo e sublime ter nos céus um Pai! Como é santo, consolador, belo e admirável ter tal esposo! Como é santo e dileto, muito aprazível, humilde, pacífico, doce, amável e acima de tudo desejável ter tal irmão e tal filho: Nosso Senhor Jesus Cristo, que expôs a sua vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10,15) (1Fi 5-7.11-13).

Os Escritos de Francisco nos apresentam numerosos testemunhos dos sentimentos que se acumulavam em sua alma nos momentos de exaltação espiritual. Os adjetivos de compreensão bíblicas afloram com uma espontaneidade incontida:

Portanto, nada mais desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser o nosso Criador, Redentor e Salvador, único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem, o bem total, verdadeiro e sumo bem, o unicamente bom (cf. Lc 18,19), piedoso, manso, suave e doce, o unicamente santo, justo, verdadeiro, santo e reto, o unicamente benigno, inocente, puro, de quem, por quem (cf. Hb 2,10) e em quem está todo o perdão, toda a graça, toda a glória de todos os penitentes e justos, de todos os bem-aventurados que se alegram juntamente com ele nos céus...Ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável (cf. Rm 11,23), bendito, louvável, glorioso, superexaltado (cf. Dn 3,52), sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos (RNB 23,9.11).

Francisco quando sai do êxtase dos estigmas⁸⁷¹ no Monte Alverne⁸⁷², com o coração transbordante de reconhecimento, deixa escrito num pedaço de pergaminho, junto ao bilhete a frei Leão⁸⁷³, o que seu espírito contempla:

⁸⁷¹ Os estigmas não foram em Francisco um fenômeno improvisado nem isolado do resto de sua vida. Fazendo eco à consideração de Tomás de Celano (cf. 2Cel 11), poder-se-ia dizer que as chagas do Crucificado começaram a gestar-se no corpo de Francisco desde seu encontro com o Crucifixo de São Damião; mais ainda, desde quando começou a descobrir Jesus Cristo nos pobres e leprosos, Jesus Cristo não foi uma tória para Francisco. Foi uma pessoa concreta que, cada dia, ia tomando posse dele. “Seu viver era Cristo”. Jesus estava em seus lábios, em sua mente, em seu coração... (cf. LM 9,9). Cf. URIBE, F., Pelos caminho de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 251-252; Para uma compreensão histórica dos estigmas de Francisco: BARFUCCI, M.B., Estigmas. In.: DF, p. 216-223, com intensa bibliografia; DOYLE, E., Francisco de Assis. O Cântico da fraternidade universal. *Op. Cit.* p. 38-40; Para uma verificação psicológica da fenomenologia da experiência mística e estigmatização de Francisco: ZAVALLONI, R., A personalidade de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 145-162.

Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas (Sl 76,15). Vós sois forte, vós sois grande (cf. Sl 85,10), vós sois Altíssimo, vós sois o rei onipotente, vós, ó Pai santo (Jo 17,11), sois o rei do céu e da terra (cf. Mt 11,25). Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses (cf. Sl 135,2), vós sois o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro. Vós sois o amor, caridade; vós sois sabedoria, vós sois humildade, vós sois paciência (Sl 70,5), vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois segurança, vós sois quietude, vós sois regozijo, vós sois nossa esperança e alegria, vós sois justiça... Vós sois nossa esperança, vós sois nossa fé, vós sois nossa caridade... Vós sois nossa vida eterna: grande e admirável Senhor, Deus Onipotente, misericordioso Salvador (LD 1-6).

Francisco inicia o seu Cântico reconhecendo e louvando, por um lado, a presença do Criador nele, fazendo sua morada. Por outro, reconhece a alteridade de Deus, que é maior que o cosmos. Aqui o santo não confunde Criador e criatura, nem seculariza a natureza como na modernidade, mas a reconhece sacramento do seu fundamento, o transcendente Deus Criador digno de todo louvor.

O pensamento e o coração do pobre de Assis estão completamente dominados e repletos do mistério da fé de que a revelação do mistério da divindade acontece em e mediante o Verbo encarnado. O que está no centro da comunhão divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mediante o qual tudo é criado e redimido e será glorificado, se coloca, na força de sua natureza humana, também no centro da criação e da economia salvífica, conduzindo assim os seres humanos à Trindade e a Trindade aos seres humanos:

E porque nós todos, miseráveis e pecadores, não somos dignos de proferir vosso nome, vosso dileto Filho, em quem tendes toda complacência, juntamente com o Espírito Santo Paráclito, por tudo vos renda graças como agrada a vós e a ele, que em tudo sempre vos satisfaz, e por meio de quem nos fizestes tão grandes coisas (RNB 23,5).

A atitude de Francisco, depreende destes textos, revela certamente uma vida perpassada de fé e devoção trinitária. Esta devoção é mística trinitária que surpreende este mistério de Deus no coração de toda realidade criada no tempo.

⁸⁷² “A visão do Alverne é um resumo de sua vida: o seguimento e a contemplação de Cristo terminam gravando-o no discípulo contemplativo a ponto de reproduzir em seu corpo as chagas da paixão”. VELASCO, J., M., *Doze místicos cristãos. Op. Cit.* p. 64.

⁸⁷³ O biógrafo Tomás de Celano descreve o contexto do nascimento deste texto, sob as palavras de Francisco de Assis: “As palavras do Senhor e os Louvores de Deus que meditei no meu coração” (2Cel 49).

Os louvores à Santíssima Trindade estão no coração do Santo, como já ensinara, na Regra Não Bulada 21,1-2, é o que passaremos a contemplar a seguir.

a.

O Espírito Santo na Trindade

O Espírito é a realidade central a conduzir a inspiração da mística de Francisco. Sua importância se revela já pelo fato de ocorrer 120 vezes no conjunto dos seus Escritos. A linguagem e compreensão de Francisco, quanto ação do Espírito, na sua vida exprime a profunda intuição do santo a respeito das virtudes: “Quem possui uma não ofende as outras” (SV 6)⁸⁷⁴.

Francisco escreve no contexto, dos verdadeiros penitentes, chamados bem-aventurados e felizes:

São aqueles e aquelas ao fazerem tais coisas e nelas perseverarem, porque pousará sobre eles o espírito do Senhor (cf. Is 11,2) e fará neles habitação e um lugar de repouso (cf. Jo 14,23); e são filhos do Pai (cf. Mt 5,45) celestial, cujas obras realizam, e são esposos, irmãos e mães (cf. Mt 12,50) de Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos esposos, quando a alma fiel se une pelo Espírito Santo a Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos seus irmãos, quando fazemos a vontade do Pai que está nos céus (cf. Mt 12,50). (2Fi 2-9).

Francisco tem uma intuição profunda, não tanto intelectual, muito mais mística de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, como “Espírito”, no sentido de que a vida de Deus uno e trino é Espírito e lhe dá o Espírito. Deus é Espírito e o Espírito é vida. Através desta proposição Francisco exprime a realidade primária e fundamental da vida mística.

⁸⁷⁴ Cf. POMPEI, A., Deus. In.: *DF*, p. 156. Como se expressa Leonardo Boff, para ilustrar esta perspectiva e, dirimir qualquer dúvida: “A criação temporal significa, exatamente, numa perspectiva trinitária, a manifestação do amor e da comunhão trinitários para aquilo que não é Deus, para o absolutamente diferente: a criatura. É aqui que cabe a expressão “obra ad extra amoris Trinitatis” (obra do amor trinitário voltado para fora). Enquanto é ideia do Pai e no Filho com o amor do Espírito Santo, a criação é eterna e significa uma obra ad intra (está dentro do círculo trinitário). Enquanto esta ideia é concretizada, tirada do nada, levada ao ser e configurada à imagem e semelhança da Trindade, surge como uma obra ad extra. A Trindade cria, efetivamente, do nada, aquilo que não era e, pelo ato criador, passa a ser. A Trindade se autolimita pelo fato da criação do nada, porque faz surgir algo distinto dela. A criação é da Trindade, vem da Trindade, vai para a Trindade, espelha a Trindade, mas não é a Trindade”. BOFF, L., *A Trindade, a sociedade e a libertação*. *Op. Cit.* p. 267. Para compreender a criação trinitária: MOLTMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 122-124

A vida de Deus no seio da Santíssima Trindade e a comunicação desta vida para fora de si é vista como profundamente interpessoal, isto é, como trinitária. Deus para Francisco é o Pai, o Filho e o Espírito Santo que, como tais, isto é, juntos, são criadores, redentores e salvadores de toda a humanidade e de tudo o que é criado⁸⁷⁵.

Francisco atribui ao Deus único, sumo e único bem, todos os bens, todos os dons, todas as virtudes, dados pelo Pai por meio do Espírito Santo para providenciar com que siga permanentemente os passos de seu Filho⁸⁷⁶.

Encontramos com frequência o Espírito do Senhor que participa, comunica, infunde o bem, as virtudes, os dons, a própria vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo. De tal modo que espírito, espiritual, espiritualmente indicam precisamente a vida do Espírito em nós e da qual participamos⁸⁷⁷. Francisco volta-se sempre de novo para a única fonte de todo bem, de toda virtude e de todo dom apontando para a presença vivificadora do Doador, Sumo e Altíssimo⁸⁷⁸.

Nas ações trinitárias a preposição *cum*, própria do Cântico, caracteriza a terceira pessoa da Santíssima Trindade. O Espírito Santo é o cooperador. O Pai e o Filho só agem com o Espírito Santo, em cooperação do Espírito Santo. Escreve na Regra Não Bulada:

Onipotente, Santíssimo, Altíssimo, Sumo Deus, Pai santo e justo, Senhor Rei do céu e da terra, nós vos rendemos graças por causa de vós mesmos, porque pela vossa santa vontade e pelo vosso único Filho *com* o Espírito Santo criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós (RNB 23,1).

Francisco conclui o seu Testamento, no final da sua vida, em 1226:

E todo aquele que estas coisas observar seja repleto no céu da bênção do Altíssimo Pai e na terra seja repleto da bênção do seu diletto Filho com o

⁸⁷⁵ Cf. ASSELDONK, O. V., Espírito Santo. In: *DF*, p. 213.

⁸⁷⁶ Cf. POMPEI, A. Francesco d'Assisi. Intenzionalità teológico-pastorale delle Fonti Francescane. *Op. Cit.*, p. 229. O autor trabalha a fé no Deus Uno e Trino nas Fontes Franciscanas, em tudo complexo e bastante abrangente, p. 229-256.

⁸⁷⁷ “Dessa maneira, o Espírito, motor e origem do desejo, Desejo divino Ele mesmo, derramado sobre a história e a humanidade, encontra terreno propício e fértil para sua divina fantasia criadora, que, ao mesmo tempo em que remete constante e fielmente ao passado Jesus de Nazaré como norma última e definitiva, abre o futuro a infinitas possibilidades de e inventividade e novidade para dizer o mistério cristão. Reinstaura no centro da reflexão e do discurso teológicos, que permanecem abertos em direção a um futuro ainda pouco explorado, o direito da cidadania do poético e do simbólico como gêneros literários, os únicos que têm possibilidades de chegar ao coração da matéria e tocar na orla do Espírito e da Beleza”. BINGEMER, M.C.L., O segredo feminino do mistério. *Op. Cit.* p. 59.

⁸⁷⁸ Cf. KOSER, C. O pensamento Franciscano. *Op. Cit.* p. 13-23.

Santíssimo Espírito Paráclito e *com* todas as virtudes dos céus e *com* todos os santos (Test 40-41).

O Espírito Santo, caracterizado pelo termo Paráclito, é uma característica que Francisco usa com a Igreja. E a Igreja tem interpretado o termo Paráclito como Consolador. Francisco atribui o termo Consolador ao Pai: “Ó santíssimo Pai nosso: Criador, Redentor, Consolador e Salvador Nosso” (PN 1). Considerando o Pai como origem e fonte de toda a consolação e que o Espírito Santo sempre age com o Pai e com o Filho, o título Paráclito atribuído ao Espírito Santo significa que o Espírito Santo é o enviado para realizar a consolação que provém do Pai⁸⁷⁹.

Para Francisco o mistério da Trindade é como que o ambiente em que se desenvolve a sua mística, é a fonte de que se nutre, a força de que vive, o conteúdo de que se compõe, a meta a que tende.

b.

Jesus Cristo: a encarnação do Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor

O desenrolar do texto do Cântico, maquete do seu ser, demonstra que ele em profunda paz com Deus e com a criação, Francisco se torna o suspiro cósmico do universo desejoso de comunhão com o Autor da existência. O Cântico do começo ao fim é celebração da vida na Trindade, a qual para Francisco, é eminentemente Bondade no Pai Criador, pelo Filho Salvador e Redentor, que cria o ser humano e as criaturas pelo seu Filho no Espírito Santo⁸⁸⁰.

Francisco é um homem de fé e mística profundas. Sua intimidade com Deus, é determinante e informante, ao ponto que a sua solidariedade com a criação desdobra dos estreitos laços de comunhão com Deus, causa eficiente, exemplar e final de todas as criaturas, porque cada criatura é filha de Deus, do “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor”, o Criador do universo. A

⁸⁷⁹ Cf. TEIXEIRA, C.M. Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 226.

⁸⁸⁰ Cf. NASCIMENTO, J. R. O Cântico das Criaturas de S. Francisco. *Op. Cit.*, p. 11-12. Para esta reflexão, a Trindade na obra da criação, indispensável o definitivo estudo, já citado: NGUYEN-VAN-KHANH, N. Gesù Cristo nel pensiero di San Francesco secondo i suoi scritti. *Op. Cit.* p. 91-113.

realidade que Francisco descobre na criação é a ‘*hierofania*’⁸⁸¹, razão pela qual a criação torna-se um caminho de louvor ao sagrado, de intimidade e de comunhão com Deus⁸⁸².

A criação é uma espécie de caminho sagrado que acolhe a ação misericordiosa dos seres humanos e precisa ser respeitado e amado, porque do Altíssimo é a significação⁸⁸³. Francisco, homem conduzido pelo Espírito de Deus, constantemente visitado pela presença da graça do Altíssimo, desde os primeiros dias da sua conversão a Deus: “E porque o servo do Altíssimo não tinha nestas coisas nenhum mestre a não ser o Cristo, a clemência deste ainda, como acréscimo, visitou-o na suavidade da graça” (LM 2,1; cf. 2Cel 10; 3Cel 2; LTC 13).

Francisco abre a sinfonia da criação invocando o nome do Senhor, o Altíssimo, nos dois primeiros versos do Cântico sublinha que ao Altíssimo convém todo o louvor e que o ser humano nem sequer é digno de nomeá-lo: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção (cf. Ap 4,9.11). Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te” (Cnt 1-2)

Como vimos, a primeira palavra, “Altíssimo”, projeta o Cântico para as alturas. Retomada uma segunda vez na primeira estrofe de maneira absoluta, propõe vigorosamente o fim único do louvor. Esta imagem do Altíssimo exprime, na introdução, a Transcendência de Deus, invocada pelo santo, na sua ‘*poesis* teológica’. Reaparecerá mais quatro vezes ao longo do texto. Em verdade, esta Transcendência do Altíssimo paira por sobre todo o texto e para

⁸⁸¹ Do grego ‘hieros’: sagrado + phainein: aparecer => hierofania: Aparição ou manifestação reveladora do sagrado. Cf. SCHÜLER, A., In.: DET, p. 232. Para uma verificação aprofundada sobre o espaço sagrado e a sacralização do mundo, um estudo rigoroso sobre a hierofania e suas variedades, multiplicidade e dialética, estrutura e revalorização das hierofanias: ELIADE, M., O sagrado e o Profano. *Op. Cit.*, p. 25-61; Id. Tratado de História das Religiões. *Op. Cit.*, p. 7-38.

⁸⁸² À manifestação do sagrado Mircea Eliade dá o nome de hierofania, em meio ao profano, ou num momento de suspensão do profano, o sagrado se manifesta à percepção do ser humano. As hierofanias podem dar-se em pessoas ou em lugares, elementos da natureza, etc., que passam a manifestar algo mais que elas mesmas. O sagrado, antes de ser um conceito ou criação humana, seria uma experiência, algo que acompanharia a sensibilidade humana. Cf. PORTELLA, R., O sagrado e suas expressões: aproximações. In.: MAGALHÃES, A.,- PORTELLA, R., (Org.) *Expressões do Sagrado*. Reflexões sobre o Fenômeno Religioso. Aparecida: Santuário, 2008, p. 62.

⁸⁸³ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 15.

ela se lança toda a sua capacidade de louvor⁸⁸⁴. O Altíssimo é essencialmente o Deus invisível e Inacessível, Onipotente, Criador e Bondade desde o início da criação (cf. Gn 1,31)⁸⁸⁵.

Trata-se da dialética homem-Deus. Ao descobrir a grandeza e magnificência de Deus, o ser humano descobre a sua própria condição de criatura. E o reconhecimento da própria natureza criada se torna por sua vez uma confissão da grandeza de Deus. Esta transcendência do Altíssimo não se identifica simplesmente com a transcendência filosófica. O Altíssimo mesmo toma a iniciativa para se tornar acessível ao ser humano; isto se realiza de maneira perfeita na encarnação do Filho, como ensina Francisco na Carta aos Fiéis:

Esta Palavra do Pai tão digna, tão santa e gloriosa, o Altíssimo Pai a enviou do céu por meio de seu santo anjo Gabriel ao útero da santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade. Ele, sendo rico (2Cor 8,9) acima de todas as coisas, quis neste mundo, com a beatíssima Virgem, sua Mãe, escolher a pobreza (2Fi 4-5).

Este movimento de humilhação do Altíssimo, encarnando-se e assumindo a fragilidade humana, constitui a grande diferença entre o transcendente dos filósofos⁸⁸⁶ e o Altíssimo da Revelação, presente na experiência de Francisco, invocado no Cântico como o próprio Deus. Francisco, diante de tão grande humildade, não contém a sua admiração. Vendo na Eucaristia o mesmo movimento de humildade do Altíssimo, assim exclama:

Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a módica forma de pão! Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações (Sl 61,9); humilhai-vos também vós, para serdes exaltados (cf. 1Pd 5,6; Tg 4,10) por ele. Portanto, nada de vós retenhais para vós, a fim de que totalmente vos receba aquele que totalmente se vos oferece (Ord. 29-29).

⁸⁸⁴ Cf. LECLERC, E. O Cântico das Fontes. O universo fraterno de Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p.27

⁸⁸⁵ Cf. OXILIA, A., Il Cantico delle creature. *Op. Cit.*, p. 22-23

⁸⁸⁶ Este é usado na filosofia com dois significados diferentes: o primeiro para indicar o estado ou a condição do princípio divino ou do ser que está além de tudo, de toda experiência humana (enquanto experiência de coisas) ou do próprio ser, o termo vincula-se à concepção neoplatônica da divindade; o segundo como o ato de estabelecer uma relação que exclui a unificação ou a identificação dos termos, é o ato com que se estabelece uma relação sem que essa signifique unidade ou identidade dos seus termos embora garantindo, com a própria relação, a alteridade deles. Cf. ABBAGNANO, N., In.: *DF.*, São Paulo: Mestre JEU, 1982, p. 930-931

Ao recordar a ‘encarnação’ do Filho de Deus na Eucarística e sua humilhação, Francisco revela a sua exigência a todos os frades, uma atitude de seguimento que seja também vivido na humildade da pobreza: “De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10,8).

Na humanidade de Deus, expressa em seu esvaziamento e renúncia a toda propriedade (cf. Fl 2), Francisco se modela pelos caminhos da desapropriação, pelos quais ele chega verdadeiramente a Deus e a toda criatura:

Longe de ser um desprezo das coisas, a pobreza franciscana é a ‘restituição voluntária’ dos bens ao seu único dono que é Deus. O texto italiano do Cântico das Criaturas deixa perceber claramente essa visão de pobreza como restituição: ‘(...) rendei-lhe graças (...)’ (Cnt 14). Na desapropriação, o ser humano resgata o diálogo com Deus, com o outro diferente e com as demais criaturas⁸⁸⁷.

A relevância e o conteúdo do termo “Altíssimo” para Francisco indica a realidade transcendente de Deus, uma transcendência, porém, que assume o movimento paradoxal de se humilhar, assumindo a fragilidade da encarnação do Filho e da Eucaristia. Mesmo na humildade da encarnação o Filho continua sempre Altíssimo⁸⁸⁸. Francisco contempla numa unidade (em Jesus Cristo) a transcendência do Deus Altíssimo e humildade da encarnação. E contemplando essa unidade na pessoa de Cristo, ele é capaz de afirmar a respeito do Pai, nos Louvores a Deus Altíssimo: “Vós sois Altíssimo... Vós sois humildade” (LD 2.4)⁸⁸⁹.

Nesta Abertura da sinfonia do Cântico, compreendemos que o Deus de Francisco é o Deus vivo e verdadeiro⁸⁹⁰, presente na história. Neste mesmo processo, o pobre de Assis, engloba também a sua práxis, descobrindo nas criaturas o seu agir concreto espelhando-se no agir concreto de Deus encarnado na vida histórica, no meio da criação. A experiência mística que brota da visão

⁸⁸⁷ CAVACA, O. Em busca da identidade franciscana. *Op. Cit.* p. 45.

⁸⁸⁸ Cf. Alguns textos de Francisco de Assis em que Cristo é chamado de “Altíssimo”: Carta aos Clérigos: “Pois nada temos e vemos corporalmente neste mundo do próprio Altíssimo, a não ser o corpo e o sangue...” (1Cl 3; 2C 13); Testamento: “E ajo desta maneira, porque nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo Altíssimo Filho de Deus a não ser o seu santíssimo corpo e seu santíssimo sangue...” (Test. 10); Última Vontade escrita para Santa Clara: “Eu, Frei Francisco pequenino, quero seguir a vida e a pobreza de nosso Altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima...” (UV1).

⁸⁸⁹ Cf. TEIXEIRA, C. M., Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 215-217.

⁸⁹⁰ Esta afirmação a faz o próprio Francisco: Deus é: “vivo e verdadeiro”. Cf. Adm 16,2; LD 3; 1Ct 7; OP 15,1; RNB 23,6. A mesma atribuição ele dá a Jesus Cristo chamando-o: “O Filho do Deus vivo”: cf. Ord 26; 1Fr 76; RNB 9,4.

contemplativa da criação se desdobra em atitude com a qual Francisco ama a Deus e aos seres humanos no seguimento da Pessoa de Jesus Cristo nos seus passos místéricos e salvíficos, servindo ao irmão e à irmã, dentro de uma esfera que abrange todo o cosmos e todas as criaturas, pois de Deus, “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor” e Criador, estas são significação⁸⁹¹.

Com Jesus Cristo Francisco compreende o cuidado, o vigor e a ternura, a trabalhar a sua afetividade e a sua vocação mística (Cf. Mt 12,1-8; Lc 7,44-50). Aprende a ter compaixão maternal pelos irmãos (cf. Mc 6,34; 10,13-16). Escreve S. Boaventura: “Pois que a piedade do coração o tornara irmão das outras criaturas, não se deve admirar se a caridade de Cristo o tornava mais irmão dos que estão marcados com a imagem do Criador e remidos pelo sangue do Autor” (LM 9,4). Para Jesus Cristo a minoridade não é uma condição, mas uma escolha. Ele, por natureza, é Deus, que por escolha assume a fragilidade própria da condição humana, na condição minorítica, por nós e como nós. Para nós, ao contrário, a fragilidade é uma condição. Francisco faz desta condição de fragilidade uma escolha, uma oportunidade e uma ocasião de crescimento em direção ao “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”⁸⁹².

Esta minoridade é a vida de relação como valor absoluto⁸⁹³. O ser humano é um cosmos de relações e, sobretudo um cosmos em relação. Francisco vive a minoridade, como condição da fragilidade humana e condição de relacionamento, onde se pode estabelecer o amor, a fidelidade, o serviço, a obediência, a alegria e a verdadeira construção da fraternidade. Um aparente paradoxo.

Jesus Cristo é o fundamento da mística de Francisco, porquanto a partir da fraqueza e por força desta fraqueza, Francisco torna-se irmão universal. Mas naturalmente, na experiência mística de Francisco, sua adesão a Jesus inaugura

⁸⁹¹ Cf. TEIXEIRA, C. M., Deus na experiência pessoa de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 231-232.

⁸⁹² Cf. PERI, C., Fragilità e minorità: fondamenti evangelici ed ispirativi. In.: *Atti del Capitolo delle stuoie dei Cappuccini italiani*. Assis 27-31 de outubro 2003. Roma: EIF, 2004, p. 185.

⁸⁹³ A minoridade aqui compreende o estado vocacional do frade menor, por amor ao Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, servidor de toda criatura, como descrito no Discipulado Franciscano: “O discipulado não é seguir uma idéia, mas encontrar com uma pessoa: Jesus Cristo. O frade menor realiza seu discipulado à luz da experiência viva de Francisco de Assis. Contemplamos a face de Cristo nas páginas do Evangelho, e conhecemos a face de Francisco em seus Escritos. Evangelho de Jesus e palavra de Francisco lidos e vividos na experiência da comunidade cristã e da fraternidade minorítica, nas diversas culturas ao longo dos séculos nos permitem redescobrir, atualizando-o no presente, o seguimento como resposta ao desígnio do Pai no en-

novas relações das pessoas entre si e com toda a criação, e isso é fruto do Espírito que age nele⁸⁹⁴. Conclui-se daqui que o núcleo essencial da vida mística cristocêntrica de Francisco é o encontro pessoal, íntimo, experiencial com Jesus Cristo e aquilo que caracteriza este encontro é o acolhimento de Cristo na sua própria existência; penetração profunda no seu mistério; e a identificação íntima com a sua pessoa⁸⁹⁵.

A minoridade e a pobreza são qualidades que dialetizam e integram os elementos da vivência evangélica e da fraternidade (cf. 1Cel 38). Aí reside a identidade própria da fraternidade minorítica evangélica, seguidores de Francisco, na experiência comprometida da fraternidade universal, a luz que vem da vida de Jesus Cristo, iluminação mística que faz Francisco permanentemente estar a serviço de todas as pessoas pelas quais o Filho de Deus deu a vida⁸⁹⁶. Com Francisco, é resgatada a imagem de Jesus Cristo em sua humanidade, em sua vida histórica, ecos do IV Concílio de Latrão (1215).

Portanto, uma vez revelado Deus em Jesus Cristo como amor sem medida, a experiência cristã de Deus revestirá necessariamente a forma da confiança absoluta e do amor incondicional.

Conclui-se que Deus, na experiência de Francisco, não é um Deus-conceito, mas um Deus que ele experimenta como um Deus vivo. De fato, nos Escritos afirma que seu Deus é “vivo e verdadeiro” (Ad 16,2; LD 3; OP 15,1; RNB 23,6). Deus se manifesta na experiência mística de Francisco como uno na Trindade de pessoas, com quem ele entra em estreita relação de filho, mãe, irmão, esposo. Trata-se do Deus vivo, porque é um Deus que ama e dá aos filhos e filhas o seu próprio Filho para realizar o seu plano amoroso redentor. Trata-se de um Deus vivo, porque é um Deus que age, que cria, que redime e salva, operando maravilhas não só na história da salvação, mas também na vida de cada ser humano⁸⁹⁷.

Por fim, o Filho é ‘belo e alegre, robusto e forte’. Através Dele, o Altíssimo ilumina o mundo envolvido nas trevas. E é através do Santo Espírito

contro com os homens, nossos irmãos, especialmente nos mais pobres e necessitados” In.: *DF* 2.

⁸⁹⁴ Cf. ASSELDONK, O.V., Espírito Santo. In.: *DF*, 213-214.

⁸⁹⁵ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. Um enfoque histórico-teológico: 1850 a 1930. São Paulo: Paulinas, 1998, p.114.

⁸⁹⁶ Cf. CAVACA, Osmar. Em busca da identidade franciscana. *Op. Cit.* p. 44.

⁸⁹⁷ Cf. TEIXEIRA, C. M., Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 231-232.

que o Altíssimo alimenta suas criaturas. Deus é providente, belo, brilhante, esplendoroso, alegre, robusto e forte⁸⁹⁸.

O Cântico é a radiografia da concepção cristocêntrica de Francisco originada da visão Paterna de Deus que tudo criou e continua a criar por meio do Filho Redentor e Salvador, em colaboração com o ser humano à sua imagem e semelhança. É todo um louvor a Deus Criador mediante o seu Filho que se faz pobre humilde e crucificado para recapitular o universo do Pai. O Deus da experiência mística de Francisco, presente na contemplação do Cântico, como uma moldura, que abre e conclui, em antífonas o seu hino, é um Deus da história, no sentido que, habitando numa luz inacessível, quer revelar-se historicamente na pessoa de Jesus Cristo para ser Emanuel, Deus conosco.

c.

Francisco de Assis e o movimento de superação ou desapropriação⁸⁹⁹

É com um grande ímpeto de louvor que o Cântico inaugura um movimento de superação e desapropriação, representa o ápice de uma experiência mística pautada no mais radical e extremo seguimento de Cristo pobre. Este movimento, que abre o Cântico, traduz a orientação duma vida: “Chegar a vós, ó Altíssimo, que em Trindade perfeita e unidade simples viveis e reinais e sois glorificado como Deus onipotente...” (Ord 52) é a promessa solene que Francisco formula, como expectativa ou desejo íntimo. Toda a vida lhe fora como que absorvida pela realidade transcendente de Deus, mesmo fisicamente, o seu corpo é confortado por este movimento vertical do espírito.

Francisco vive o movimento interno que impulsiona a ultrapassar a si mesmo. Voar para os altos céus, para o Altíssimo que exprime um movimento de superação. A pessoa humana não é um ser que exista debruçado sobre si mesmo, encerrado em limites definitivamente fixados. Não existe verdadeiramente senão no movimento que o abre à grandeza infinita. Só aí

⁸⁹⁸ CF. WEAVER, M., Three pairs of Brothers and Sisters in Francis's Cantic of the Creatures. In: *MF* 108 (2008), p. 269.

⁸⁹⁹ Não há dúvida de que a opção pela pobreza realizada por Francisco que ser a concretização do seguimento de Jesus Cristo pobre, humilde e peregrino. O Evangelho (cf. Mt 19,21.29; Lc 14,24.33) evidencia que a renúncia aos bens é uma das condições indispensáveis para todo aquele e aquela que deseja participar do Reino de Deus.

respira um ar original, só aí se encontra, reconhecendo-se imagem de Deus. O ser humano que aspira ao Altíssimo é um ser tocado pela Transcendência⁹⁰⁰. “O homem, escreve Pascal, é feito para o infinito”⁹⁰¹. E Francisco é um exemplar deste ser humano.

Em Francisco, o impulso para o Altíssimo é vivido numa maneira totalmente equilibrada e diferentemente inaugural. O que a primeira estrofe do seu Cântico traduz vigorosamente é um movimento de total desapropriação: “Teus são o louvor, a glória e a honra e toda a bênção. Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm” (Cnt 1). A elevação para o Senhor purifica-se aqui de toda e qualquer miragem possessiva. Jamais Francisco deixa de reagir contra a ânsia de apropriação latente no ser humano, que secretamente lhe compromete o desejo do divino. É este, exatamente, o sentido profundo da sua radical e intensa persistência quanto à necessidade de viver a pobreza evangélica.

O santo exorta na sua Admoestação: “No entanto, come da árvore da ciência do bem aquele que se apropria de sua vontade e se exalta dos bens que o Senhor diz e opera nele” (Ad 2,3). Renúncia à apropriação daquilo que só a Deus pertence e a ninguém mais. Não devemos apropriar-nos do bem que fazemos, nem sequer do desejo de bem que em nós possa haver, antes devemos restituir toda a honra Àquele que é a fonte de todo o bem. Elói Leclerc, ainda nos recorda:

No Cântico das Criaturas, o impulso para o Altíssimo confronta-se com a sua mais desnuda pobreza interior. Aqui, nenhum retorno a si mesmo, nenhuma complacência, nenhuma consideração de ordem pessoal. Amor próprio, cuidados, pesares, tudo é varrido. Só há lugar para a adoração⁹⁰².

Francisco reconhece a soberania de Deus e incomensurável é a sua alegria em proclamar que só Deus é Deus e a Ele louvor, glória, honra e bênção. Estabelecida a relação entre o ser humano e o Altíssimo, nasce mais

⁹⁰⁰ Quem melhor compreendeu esta experiência vital em Francisco de Assis foi Jean-Marc Charron, que estuda a identidade do homem de Assis à procura da identidade cristã, em processo contínuo de purificação e superação do seu desejo ‘narcísico’. Francisco de Assis pauta sua vida na identificação, renúncia de si mesmo, em direção fecunda ao encontro do Outro, Deus mesmo, simbolizado na pessoa do pobre, na criação inteira, na humildade... Donde emerge um homem novo, integral, purificado, ‘como vivente do paraíso, antes do pecado’: CHARRON, J-M. *Da Narciso a Gesù*. La ricerca dell’identità in Francesco d’Assisi. Pádua: EM, 1995, especialmente p.233-248.

⁹⁰¹ Apud LECLERC, E. *O Cântico das Fontes*. O universo fraterno de Francisco de Assis. Op. Cit. p.28.

⁹⁰² *Idem*. p. 30.

profundo, poder-se-ia dizer, mais inevitavelmente necessário o louvor dirigido a Deus, com tudo aquilo que Ele criou, com todas as tuas criaturas. O significado da preposição *com (cun)* é instrumental. Francisco é uma pessoa que está no mundo como quem tem necessidade das criaturas como o jogral necessita do instrumento musical para entoar a sua música. A música de Francisco, a poesia, nascem-lhe do gozo espiritual. As criaturas emprestarão a sua voz material; serão o grande órgão, o grande tímpano sobre o qual Francisco indicará seu Cântico de reconhecimento da grandeza do Senhor e todas as maravilhas realizadas na sua vida e em todas as criaturas⁹⁰³.

O amor de Francisco às criaturas tem predileção por tudo que pode justificar o seu otimismo. Assim ele se volta sempre, com preferência, para tudo quanto no mundo é luminoso e belo: para a luz e para o fogo, para a água límpida e corrente, para as flores e para as aves⁹⁰⁴.

O “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, o Deus único, aquele que merece toda a glória e louvor. Deus é Deus e a criatura é a criatura na experiência mística do louvor, o agradecimento por sua ação criadora. Francisco deixa Deus ser Deus. Recusa identificar-se com a divindade numa atitude de *hybris*⁹⁰⁵. Recusa assim apossar-se de Deus numa atitude gananciosa, usando-o para satisfazer os seus desejos e caprichos humanos⁹⁰⁶.

A modo de síntese, Deus é Trindade. Nós vimos o Pai com o Filho no Espírito. Deus mesmo mantém conosco uma relação que não é sem conteúdos criaturais e por isso o Filho se fez criatura e nosso irmão, no seu processo que o franciscanismo chama de ‘minoridade’, desapropriação *kenótica*, como projeto evangélico assumido por Francisco. Deus “será tudo em todos” (1Cor 15,28): como o Pai que reúne seus filhos em sua pátria, em sua casa e em sua mesa. Desde agora, fazer uma experiência de Deus é dar-mos conta de que somos

⁹⁰³ Francisco reconhece a grandeza do Senhor. Seu hino começa alegre, feliz, festivo. A alegria irrompeu e toma palavra na sua boca. Como Maria, Francisco pertence ao povo pobre e humilde que o Senhor conservou. O poder do Altíssimo provoca à felicidade, ao contentamento por suas obras maravilhosas em nosso favor. Cf. Lc 2, 46-55. Cf. BARGELLINI, P. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 139.

⁹⁰⁴ Cf. JOERGENSEN, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 383.

⁹⁰⁵ *Hybris* é uma das marcas do pecado humano enquanto alienação e consiste em quere ser como Deus. É não aceitar os limites da condição criatural e desejar a infinitude que somente a Deus pertence. O termo grego conota a tragédia na qual incorriam os heróis que eram belos, sábios e fortes e por isso incorriam na tentação de ser como deuses. Prometeu é figura típica do herói que incorre na atitude de *hybris* ao roubar o fogo do Olimpo. Cf. TILLICH, P., Teologia Sistemática. São Paulo: Paulinas/São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 280-282.

⁹⁰⁶ Cf. CAVACA, O., Em busca da identidade franciscana. *Op. Cit.* p. 45.

seus filhos e filhas, portanto irmãos e irmãs, e que Deus é nosso Pai, “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”.

Mais importante que a desapropriação dos bens, mas incluindo-a, é a renúncia ao domínio e poder, à posse da verdade, à tentação de possuir ou dominar. Tal desapropriação é um processo, nunca acabado, e dura toda a vida, até que, num gesto de desapropriação plena e plenificante, restituamos a Deus o mais precioso dom que ele nos confia: a vida. Trata-se, então de um processo, como o faz em Francisco, a mística do espírito da perfeita alegria (cf. Fior.8). A desapropriação consiste numa caminhada para o verdadeiro eu; para o cerne de nós mesmos, para a própria identidade. Dessa rica pobreza emerge a pessoa em seu verdadeiro ser. O ser evangélico convertido verdadeiramente em fraternidade universal. É a marca de Francisco, sua característica como o seu nascimento para a realidade íntima de todas as criaturas com as quais confraterniza e exalta, é o que passaremos a compreender melhor.

5.2.

Francisco de Assis exalta a mediação fraterna de todas as Criaturas

O Cântico de Francisco é a expressão direta e imediata do louvor ao Senhor *através* da mediação da realidade criatural. Nele Francisco se inebria de seu Senhor, deixa-se iluminar por Ele, deixa-se cuidar por Ele. É o cavaleiro no seguimento do seu Senhor, diante de seu único modelo. No Cântico o santo místico e poeta exprime a sua maravilha e seu encantamento⁹⁰⁷.

Para Francisco toda criatura é absolutamente uma palavra de Deus: “Pois toda criatura diz e clama: “Deus me fez para ti, ó homem” (EP 118). Na sua mística devocional, vibra em altíssimo grau o valor de toda criação de Deus, e ama-as como preciosíssimas. A criatura faz-lhe compreender o Criador; quando ele sente a solidez inabalável e a potência das rochas, logo, por intuição, percebe e reconhece, por analogia, a um tempo, o quanto Deus é forte e que apoio nos oferece. À vista de uma flor no seu frescor matinal, ou os primeiros voos, com ingênua confiança, numa ninhada de pássaros, revelam-

⁹⁰⁷ Cf. MAZZUCO, V., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 108.

lhe a pureza e a beleza essencial de Deus, e a ternura infinita do coração divino, do qual tudo isso jorra (Cf. EP 116-117; 2Cel 18; 124)⁹⁰⁸.

A fraternidade cosmológica inaugurada por Francisco respira com os pulmões do universo. Ao santo ela se torna tão familiar e radicada sobre a convicção da paternidade universal de Deus, que sem esforço, sem retórica se compreende verdadeiramente irmão não somente com todas as pessoas, homens e mulheres, mas também com todas as criaturas. Os substantivos irmão e irmã significam para Francisco o apelativo privilegiado, a prerrogativa para indicar, para se dirigir aos seres todos da criação⁹⁰⁹. Mediação fraterna para o louvor.

As criaturas são presentes de Deus, todas as suas criaturas, aos seres humanos, portanto, nesta dimensão Francisco está em condições e também determinado a expressar o louvor das criaturas perante Deus. Pelo seu próprio louvor, o Santo de Assis se coloca como representante da criação. O seu louvor liberta, ao mesmo tempo, a língua muda da natureza. Nisto reside a *dimensão sacerdotal* da sua determinação⁹¹⁰.

Francisco tem uma relação com as criaturas todas, com comportamento humano diante da natureza que apresenta uma orientação muito diferente daquilo que oferece a ciência e a tecnologia. Os horizontes espirituais são completamente diferentes e os respectivos comportamentos existenciais trilham caminhos muito diversos.

Francisco elabora uma linguagem interior, a partir da sua experiência de fé, recria não o nome das criaturas, mas a linguagem da mediação das criaturas, exaltadas a partir de dentro da linguagem própria das criaturas enquanto sistemas vivos. A compreensão de que os sistemas vivos são não-lineares – são redes – enquanto toda a nossa tradição científica está baseada no pensamento linear, cadeias de causa e efeito. Ele as otimiza. Quando algo é bom, uma quantidade maior desse algo nas criaturas não será necessariamente melhor, uma vez que as coisas se movimentam em círculos, não em linhas retas. A

⁹⁰⁸Cf. JOERGENSEN, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 383.

⁹⁰⁹ Cf. SPITERIS, Jannis. La contemplazione del creato nel cristianesimo orientale e in S. Francesco. In.: *Lau* 30 (1989), p. 69-70.

⁹¹⁰ Cf. MOLTSMANN, J. Deus na Criação. *Op. Cit.* p. 112.

questão não é ser eficiente, mas ser sustentável⁹¹¹. Não se pode fazer uma fotografia da teia da vida das criaturas porque ela não é material, é uma teia de relações que conduzem, para dentro delas (pelo que cada um é na sua ‘natureza’) e para fora delas, ao Criador o louvor.

5.2.1.

O místico louvor de Francisco de Assis *por e com todas as criaturas*

Louvado sejas, meu Senhor, **com** todas as tuas criaturas (Cnt 3)

Francisco entoa seu hino *através* das criaturas e *com* as criaturas, em perfeita convivialidade. Torna-se assim sacerdote da criação (cf. RNB 23). Deus é celebrado como a Fonte de todas as coisas; e as criaturas são sentidas e vividas como dons da gratuidade divina, a serem acolhidas com inteira gratidão (cf. RNB 22,26). Ele se associa ao louvor cósmico, como criatura elevada a Deus, as acolhe e as exorta e permanentemente em louvor: “No Cântico, que é um louvor a Deus *por meio e por causa* de todas as criaturas, são evocadas e celebradas nomeadamente diversas realidades cósmicas”⁹¹².

Francisco se une às criaturas para com elas louvar; e também ele louva por meio delas, invocando-as como motivo do louvor. Todas juntas ressoam como notas de uma grande orquestração em louvor ao Deus Criador⁹¹³. A descoberta ou experiência mística de Deus como Criador leva inevitavelmente à compreensão e experiência das criaturas como irmãs unidas em louvor. O santo de Assis ao fazer da sua vida uma resposta de amor cotidiano na presença do Altíssimo Criador, descobre-se o irmão universal⁹¹⁴. Aqui entra o valor da fraternidade na vida franciscana. Fraternidade que é vivida intensamente com

⁹¹¹ Sobre este equilíbrio dinâmico das criaturas entre si: CAPRA, F., Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, M.K.; BARLOW, Z., (org). *Alfabetização ecológica*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 46-57.

⁹¹² LECLERC, E. O Cântico das Criaturas. *Op. Cit.* p. 16.

⁹¹³ Cf. PALUDO, P. O louvor em São Francisco. *Op. Cit.* p. 66.

⁹¹⁴ Recorde-se que uma das palavras mais usadas no corpo dos Escritos de Francisco é a palavra ‘frater’: 264 vezes. Todo o conjunto dos Escritos destaca a função, a vocação, a exigência... por causa do Irmão, Jesus Cristo. Cf. *CESF*, p. 180-185

aqueles e aquelas que Deus lhe dá como companheiros de vida evangélica, fraternidade com todas as criaturas⁹¹⁵.

Um testemunho da intuição de Francisco está propriamente no uso e adoção, no Cântico da preposição *per*, repetida sete vezes, que, comparada ao *par* francês e ao *per* complemento agente do italiano antigo, estará depois, também no italiano de Dante, poeta douto que privou com fontes e modelos literários⁹¹⁶. Entre o início e o acorde final do Cântico há oito estrofes que se abrem sempre com a expressão “Louvado sejas, meu Senhor”, que constitui uma espécie de refrão a que todos são convidados a se unir. Na exclamação “meu Senhor” toda a reverente ternura com que Francisco se volta para Aquele que é o autor de todo o bem. A repetição permanente de “por” e “com” que, no texto de Francisco, comporta dois matizes diversos de significados: ele louva a Deus por/com (através) das criaturas, e agradece por (por causa) de sua beleza, utilidade e variedade⁹¹⁷.

Tal reconhecimento floresce na restituição do louvor, composto *pelas* (*per*) criaturas. Basta recordar o duplo significado de *por* do Cântico, onde o louvor a Deus *pelas* (*per*) criaturas possui também um sentido causal (por causa das criaturas) mas, sobretudo e para nosso estudo o mais relevante, por meio das criaturas o louvor místico, em sentido estrutural⁹¹⁸.

Pelas criaturas e com as criaturas, por meio das criaturas e em todas as coisas criadas, todas as criaturas expressões da sabedoria e do amor de Deus, nos remetem a seu Autor, a alma de Francisco se reflete nelas como em luminoso espelho. Esta transparência permite que ele se aproxime de todas as

⁹¹⁵ A ideia de Deus como luz provinha de longínquas tradições. Do Bel semita, do Ra egípcio, do Ahura Mazda persa, todas personificações do sol ou da benéfica ação da luz, até, naturalmente, o platônico sol das ideias, o Bem. Através do neoplatonismo (em particular Proclo), estas imagens infundiam-se na tradição cristã, primeiro através de Agostinho e, então, através do Pseudo Dionísio, o Areopagita, que, em muitos momentos, celebra Deus como Lúmen, fogo, fonte luminosa. E a influenciar toda a Escolástica posterior concorria ainda o panteísmo árabe, que havia transmitido visões de essências rutilantes de luz, êxtases de beleza e fulgor. Cf. Eco, U. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Op. cit. p. 93-94. Um estudo bastante abrangente sobre o significado do Sol, as hierofanias solares cósmicas, seu significado na história das religiões, o texto já citado: ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. Op. Cit. p. 102-126.

⁹¹⁶ Cf. SOUZA, V.K.B. *Humanismo medieval – A poesia franciscana religiosa e laica*. Op. Cit., p. 400.

⁹¹⁷ Quanto à discussão sobre o significado do *per* e *cum*, ver CELLUCCI, L., *Il cum e il per nel Cantico di frati sole*. In.: *Cultura Neolatina*. Bolletino dell’Istituto di filologia romanza della R. Università di Roma. 42 (1942), fasc. III, p. 248-259; BOFF, L. *Ecologia: grito da Terra, Grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 12.

⁹¹⁸ Cf. VAIANI, C., *La via di Francesco*. Op. cit. p.76-78; PAOLAZZI, C., *Lettura degli Scritti di Francesco d’Assisi*. Op. Cit. p. 96-97.

coisas criadas com um coração fraterno e atitude de reconciliação, estabelecendo-se relação de sintonia e de harmonia que se exprime através do canto de alegria⁹¹⁹.

As criaturas são ‘palavras’ de um canto de alegria e glória, prelúdio da libertação da corrupção do pecado e da morte⁹²⁰. E porque todas as coisas criadas proclamam a glória e o amor de Deus, Francisco quer cantar o amor do ‘Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor’ com todas as criaturas e pela existência de todas as criaturas, feitas irmãs e irmãos:

Assim também, com sinceríssima pureza, admoestava ao amor divino e exortava a generoso louvor os trigais e vinhas, pedras e bosques e todas as coisas belas dos campos (cf. Sir 24,19), as nascentes das fontes e todo o verde dos jardins, a terra e o fogo, o ar e o vento. Enfim, chamava todas as criaturas com o nome de irmão e, de maneira eminente e não experimentada por outros (1Cel 81,4-5).

Francisco está vinculado às criaturas por estreitos laços de afeto. Entregasse a todos os seres, racionais ou irracionais, sensíveis ou insensíveis como servidor. Comunica-se com eles e faz com que eles participem de seus próprios sentimentos unindo-se com eles na grande celebração da gratuidade para com o Criador (1Cel 58). O Santo estabelece relações especiais com o mundo, no conjunto das criaturas. Diante das criaturas, não se coloca na posição de predador, mas em posição de reverência e de respeito, antes de Francisco não se encontra quem as chamasse de irmãs⁹²¹.

Para o santo de Assis todo o criado testemunham que Deus o ama. Tem consciência que sua sobrevivência está ligada ao desaparecimento de muitas criaturas. Não se sente como “rei do universo”, se considera um irmão pobre que, para viver, necessita de outras criaturas. Realizando a experiência da fraternidade, aproxima-se de todas as criaturas com respeito, gratidão, reconhecimento e cortesia. Fazendo-se irmão de todas as coisas criadas,

⁹¹⁹ Cf. BONI, A., Fraternidade. In.: *DF*, p. 274.

⁹²⁰ Desta forma, compreendemos: “Quando invento conceitos busco palavras que os expressem. Sou como Adão no Paraíso inventando um modo de relação com as coisas, um modo de compreendê-las. A linguagem com nomeação define a aplicação do pensamento como batismo. O nome não serve ao obscurecimento do que existe. Quando tenho um nome este nome é o acesso que o outro tem a mim, o mesmo vale para as coisas”. TIBURI, M., *Filosofia em comum*. Para ler-junto. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 130.

⁹²¹ Cf. TEIXEIRA, C. M., Perfil do frade menor. In: *RF* 1e 2 (2001), p.17.

Francisco se torna testemunha da fraternidade possível entre todos os filhos e filhas de Deus⁹²².

Ao inverter os valores humanos, como faz Francisco convertido a Jesus Cristo, as qualidades humanas, como a fraternidade, aparecem completamente transformadas. Ao exercitar a cortesia com todas as criaturas, não é somente um sinal de nobreza de nome, de costumes ou de alma; ela é resultado do amor de Cristo e no amor de Cristo atinge o amor do próximo, este compreendido e respeitado como o ama e o respeita o próprio Cristo. As criaturas parecem entender Francisco e se mostram corteses para com ele e ele para com elas:

Quando Francisco amava e respeita a natureza e todos os seres que nela vivem não o fazia de maneira abstrata, convencional, impessoal e anônima. Seu acentuado respeito para com todo o criado e seu forte instinto de diferenciação levavam-no a tratar cada ser, cada animal, cada coisa com delicada cortesia, sempre respeitando sua própria individualidade, seu modo peculiar de ser e seu lugar privilegiado no cosmos. Francisco rompia com a consciência habituada, como diria Rilke, e com isso se capacitava a descobrir os cotidianos prodígios de uma natureza viva e exuberante. A visão do Poverello sobre o mundo apoiava-se em outra dimensão mais profunda: sua fé cristã. A partir desta fé, vivida e experimentada, descobria a profundidade do mundo e dos seres com os quais sentia, vivia e celebrava a grande presença de Deus na criação que, em sua Trindade, se manifesta a quem é capaz de ver e de sentir⁹²³.

É a compreensão das criaturas próximas do seu convívio, como filhas do mesmo Criador. Convoca todas as criaturas, irmãs e irmãos, e de uma maneira especial, por ninguém experimentada, descobre os segredos do coração das criaturas, porque, na verdade, já está gozando a liberdade definitiva e gloriosa dos remidos (cf. 1Cel 80-81)⁹²⁴. Ao falar da relação de Francisco com as criaturas, devemos deixar de lado uma espécie de romantismo decadente e de sentimentalismo inconsistente. Ele nutre sentimentos para com as criaturas, ele as ama, mas esse sentimento é fruto de uma concepção de mundo. Ama-as, porque contempla nelas a sabedoria e a bondade do Criador, por elas elevar sua vida ao Criador. Chama-as de irmãs, porque tem a inabalável convicção de que todas provêm, como ele, das mãos de Deus. Para Francisco, diferentemente da

⁹²² Cf. BONI, A., Fraternidade. In.: *DF*, p. 275

⁹²³ MERINO, J., A., Humanismo Franciscano e Ecologia. In.: *CF* 3 (1991), p. 18.

⁹²⁴ O instinto do seu amor cósmico abre as portas de sua interioridade mística a todos os seres, pois “percebia com agudeza as coisas ocultas do coração das criaturas” (1Cel 81).

concepção dos cátaros, as criaturas, em toda a sua materialidade, são boas, pois é Deus quem as cria⁹²⁵.

Francisco é um mestre da comunicação, sua linguagem é precisa e dosada, ele chama de irmão e irmã somente quem nada possui (na linha dos bem-aventurados (cf. Mt 5,1-12) ou quem na simplicidade é a serviço da vida; quem possui poder, de autoridade, de domínio, Francisco não chama jamais de irmão e irmã. Quando o santo diz irmão e irmã, reconhece a mesma condição de liberdade, diante de Deus “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, em todos os seres, todas as criaturas, Francisco recria a fraternidade renunciando a paternidade, somente Deus é Pai⁹²⁶. Por e com a fraternidade estabelecer atitudes de louvor.

Seu respeito para com as criaturas é tão significativo que não somente as personifica, como também as enaltece e não permite que ninguém fale mal delas (cf. 1Cel 67). Em espírito de caridade, tendo entranhas de compaixão não só para com as pessoas que sofrem necessidade, mas também para com os animais privados de fala e de razão, répteis, pássaros e demais criaturas sensíveis e insensíveis (cf. 1Cel 77,1), fraternizando-se com elas⁹²⁷, pela fraternidade ao Canto da vida.

A obra de Deus é vastíssima e harmoniosa. Ela nos foi dada para que cuidemos bem dela e não a transformemos num caos. Deus nos fala por meio dela; há uma voz que brota da criação. O ser humano, no seio da criação material, tem um papel particular a cumprir, pois é o beneficiário dos dons de Deus e pode, por sua inteligência, ‘ler’ a criação que é uma palavra de Deus, um verbo criado que reflete o Verbo eterno:

Deus criou todas as coisas por causa de si mesmo, isto é, sendo poder, sabedoria e bondade, fez todas as coisas tendo em vista seu próprio louvor..., em vista de sua própria manifestação..., em vista de sua comunicação... Ora, aprovar o louvor, conhecer a verdade, gozar dos dons, tudo isso pertence só à criatura racional. Quanto às criaturas destituídas de razão, elas não podem ser imediatamente ordenadas a Deus, mas o são pela mediação das criaturas racionais. E como pertence à criatura racional conhecer e assumir livremente outros bens por sua vontade, ela mesma é apta a ser imediatamente ordenada a Deus⁹²⁸.

⁹²⁵ Cf. TEIXEIRA, C.M., Perfil do frade menor. *Op. Cit.* p. 17.

⁹²⁶ Cf. FABBRETTI, Nazareno. Il Buon senso uccide l’utopia. In: et al., *Francesco un ‘pazzo’ da slegare*. Assis: Cittadella Editrice, 1983, p. 325-326.

⁹²⁷ Cf. MERINO, José Antonio. Humanismo Franciscano e Ecologia. *Op. Cit.* p. 16-17.

⁹²⁸ São Boaventura. Comentário ao II Livro das Sentenças, d. 16. a. 1.q.1. Apud.: MATHIEU, L., O ser humano na criação. A visão franciscana, In: *GS 54* (2000), p. 345.

Temos sido reféns de um paradigma que nos coloca, contra o sentido do universo, *sobre* a criação ao invés de estar *por* e *com* elas na grande comunidade, na experiência criatural da fraternidade e sororidade cósmica. Francisco reverencia cada criatura na sua individualidade. Desde os astros até aos vermes, passando pelas flores, pássaros, animais. Em Francisco, vemos a redenção (ou, se prefere, a ‘humanização das criaturas’). Elas deixam de ser coisas (segundo os cátaros, coisas más) para tornarem-se companheiras de relação, de reciprocidade⁹²⁹.

Em síntese, a aliança amorosa e fecunda entre os filhos e filhas, *por* e *com* as criaturas, se atualiza especialmente em momentos de crise como os nossos⁹³⁰. A fraternidade e sororidade fundam a esperança de que o futuro comum não se construirá sobre as ruínas do planeta e da humanidade. Junto à casa comum a ser reconstruída deve concernir a restauração do sagrado de todas as coisas, o resgate da dignidade da vida de todos os seres, a redescoberta da mística missão do ser humano, homem e mulher chamados à celebração do mistério do cosmos e, finalmente, à experiência do encontro com Deus, mistério de comunhão e de vida.

Dentre todas as criaturas o poema abre das alturas celestes, do olhar interno do santo, à luz e calor daquele que simboliza o significado nas nossas vidas: o Altíssimo. É o primeiro dos elementos cantados, a primeira criatura, em movimento descendente, como a graça de Deus Altíssimo a nos alimentar com sua Onipotência e bondade. Em cada criatura exemplificada uma possibilidade de real encontro com a mística de Francisco, com o argumento da sua sensibilidade a tocar e transformar nosso seguimento de Jesus, conduzir a mística para a experiência da presença do Criador.

⁹²⁹ De toda forma, muito longe de associar-se a um cosmos animado, Francisco o contempla e o compreende com uma mensagem de bondade pessoal da parte do seu Senhor. Cf. BERNARD, C. A., *Théologie Affective. Op. Cit.* p. 69.

⁹³⁰ “Trata-se de uma crise sistêmica, vale dizer, uma crise do paradigma hegemônico da civilização ocidental” TAVARES, S.S. *Teologia da Criação*. Outro Olhar – Novas relações. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 9. Para a “crise ecológica” e o urgente apelo ao cuidado pela vida: p. 18-21.

5.2.2.

A estrofe do irmão Sol

Especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas. E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti Altíssimo, traz o significado (Cnt 3a- 4).

O concerto do mundo criado, ou seja, o conjunto de todas as obras do Criador, exortadas a unirem-se e louvadas com o Senhor, abre-se, nesse espaço, com o primeiro louvor que é para o irmão sol enquanto esse representa no mundo o fulcro de toda energia, que possibilita a vida, assemelhando-se a Deus, fonte de luz e ao mesmo tempo o irmão radioso e esplendente. Com o esplendor do sol jorra a energia do grande sentimento, novo em relação às criaturas inanimadas, que é o sentimento de fraternidade, comovente e simples como elas. A imagem da claridade, do esplendor e da luminosidade, num só arrebatamento do místico, indica o brilho interior com que canta e dita aos confrades o lirismo de um movimento de sua vida, arrebatado pela luz da fé e entrega ao seu Senhor⁹³¹.

Francisco combina com as tendências essenciais da sensibilidade gótica, antecipando-o no seu espírito poético, com realismo, com luz, com delicadeza. Se não cria essa sensibilidade, a favoreceu e a reforçou. Com a alusão ao simbolismo do irmão sol, imagem de Deus, no sensível, na beleza material são reconhecidos e amados, o vento, as nuvens, o céu, o fogo, as flores, a relva e as estrelas. O amor que Francisco lhes trouxe transmite aos artistas que, daí em diante, quer representá-los fielmente⁹³².

O Criador é louvado especialmente *pelo* e *com* o Irmão Sol, que Francisco tantas vezes viu levantar-se sobre os campos, ‘belo e radioso’, e já não pode ver. O irmão sol é o primeiro a ser nomeado pela sua beleza e porque “de ti, Altíssimo, traz o significado”. É a primeira criatura convidada para o louvor de Deus Altíssimo juntamente com Francisco, quer simbolizar Jesus

⁹³¹ Cf. SOUZA, V.K.B., Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. *Op. Cit.* p. 404, ainda: “O profundo lirismo que emana do poema está em correspondência com o grande sonho de São Francisco: fazer da vida na terra uma antecipação do Paraíso, fazer do mundo inteiro uma pura e santa Porciúncula (EP), inteiramente ressonante de hinos e laudes ao Deus dos céus” p. 408.

⁹³² Cf. LE GOFF, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 104-105

Cristo, chamado ‘Senhor’; apresenta-se com um duplo valor, ou seja, pré-anuncia como astro-criatura e figura de Deus na sua unidade: belo e radiante⁹³³.

Francisco prefigura um modelo de mística cristã que na sua contemplação se extasia diante do fenômeno do sol, diferenciando-se das demais religiões, no fato que neste, se encontra motivo e ocasião com maior vigor ainda para louvar e agradecer o Senhor no qual se significa⁹³⁴.

Ao analisarmos a estrofe do irmão sol, ‘o qual é dia’, ‘belo’, ‘radiante’, ‘esplendoroso’, traz o significado do Altíssimo, assim como as demais, nas quais se revestem de toda uma roupagem simbólica, precisamos levar em consideração e não perder de vista o contexto cultural que alimenta a vida do século XII, isto é, a convicção que a realidade natural e histórica possui um significado que vai além do seu conteúdo imediato, revelando ao espírito certa densidade simbólica, na mais fecunda expressão do sagrado⁹³⁵.

A linguagem da experiência de Francisco vai além da realidade material percebida. A sua admiração e constatação deste primeiro elemento no seu Cântico, porque ele é “especialmente”, faz referência ao ser ontológico de Deus, eis, portanto, que o saúda como fonte de luz, atribuindo-lhe uma personalidade, senhor e, logo em seguida um fraterno e afetuoso apelativo, irmão. Este sol é sempre dia eterno a iluminar a vida com sua presença⁹³⁶. O sol neste caso, não é somente fonte de luz. É a fonte fundamental da vida. É o

⁹³³ Cristo é o “Astro das alturas” que nos visita, luzindo sobre nós, “que jazemos nas trevas e na sombra da morte” (Lc 1,78). Jesus mesmo usou da imagem do sol para dizer o amor divino que abraça os bons e os ímpios (cf. Mt 5,45). Na transfiguração no monte Tabor, a face de Jesus ficou brilhante como o sol, e suas vestes ficaram “alvas como a luz” (Mt 17,2). Também o vidente de Patmos viu o Filho de Deus tendo a “face como o sol, quando brilha com todo o seu esplendor” (Ap 1,16). No seguimento de Cristo, os justos “brilharão como o sol no Reino de seu Pai” (Mt 13,43). O fato de por ocasião da morte de Jesus ter-se obscurecido o sol (cf. Lc 23,45) era para os fiéis símbolo da morte do verdadeiro sol. No Apocalipse (cf. 12,2), aparece no céu como grande sinal “uma mulher, vestida de sol”, sendo figura da mãe de Deus e também da Igreja. Cf. LURKER, Manfred. Sol, In: *DFSB*, p. 229.

⁹³⁴ Para ilustrar a novidade do relacionamento de Francisco com a criação, o novo sentido dado às criaturas, sob um novo olhar, a sua sensibilidade fraterna como um irmão a considerar e nomear cada uma respeitando-as como saídas da graça de Deus e motivo para a alegria do seu louvor, cf. GARRIDO, J., *La forma di vita Francescana ieri e oggi*. Pádua: EM, 1987, p. 289-290.

⁹³⁵ Cf. LAURIOLA, G., La personalità di Francesco d’Assisi nel Cantico delle Creature. In.: *Frate Francesco 1* (1980), p. 19-22.

⁹³⁶ Desta forma escreveu, em sua inusitada iluminação poética Bartolomeu Campos Queirós: “Há o céu e a terra. Há oceanos e montanhas, noites e manhãs. Peixes, aves e ervas verdes se multiplicam sob o sol e a lua... Sei apenas sopros dessa história. Sim, todas as horas são poucas, toda distância é pequena, todo calendário é insuficiente para medir o Eterno. Ah! O Eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embaraços de morte. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério”. QUEIRÓS, B.C., *Escritura*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1990, p.22.

fecundador e gerador universal, símbolo da Paternidade universal, imagem do poder e da generosidade criadora do universo. Imagem de Deus mesmo, inaugura no Cântico a linguagem do discurso místico sobre Deus⁹³⁷.

A imagem do Pai Celeste é realçada justamente pelo acréscimo, “traz o significado”. Que dá à poesia mística o seu significado teofânico⁹³⁸. E, é por esta dimensão, mesmo não sendo digno de mencionar o nome do Senhor, que Francisco deseja-o e referencia-o. Por aproximação da sua presença, o “irmão sol” passa a simbolizar, o Cristo, esse que representa o sentido de todas as coisas e verdade de Deus, que nos eleva ao Pai. Cristo é aquele que o leva a ver na criação a sua significação superando a materialidade do sol⁹³⁹.

Francisco louva ao Senhor “com todas as criaturas, especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos ilumina” no místico poema assim revelado. Como quem nomeia e compreende a relação entre o Sol cantado e com o sol, que canta. Denota a intensidade poética-teológica. Representa o poético figurado e gênero sinédoque⁹⁴⁰. Francisco ama o sol e o fogo acima de todas as outras criaturas. Francisco, o místico da luz, como acertadamente o chama Fray Gil em sua biografia⁹⁴¹. Francisco reconhece a Deus pela criação do sol e fogo, dentre todas as criaturas privadas de razão, com mais afeição ama o sol e o fogo. Com efeito, diz:

De manhã, quando nasce o sol, todos os homens deveriam louvar a Deus que o criou para a nossa utilidade, porque é por ele que nossos olhos são iluminados durante o dia. À tarde, quando anoitece, todos os homens deveriam louvar a Deus pelo irmão fogo, pelo qual nossos olhos iluminam de noite. Pois todos somos como cegos e, por estes nossos dois irmãos, o Senhor ilumina nossos

⁹³⁷ Deus que escapa a todas as nossas identificações e sobre a dimensão mística da linguagem teológica. Cf. SCHILLEBEECKX, Ed., *História humana*. Revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1994, p. 95-107;229-233.

⁹³⁸ Umberto Eco, comenta a estética da luz, na Idade Média: “já quanto à poesia, basta lembrar o Paraíso dantesco para se ter um exemplo perfeito do gosto pela luz, em parte devido à inclinações espontâneas do homem medieval (acostumado a imaginar o divino em termos luminosos e a fazer da luz “a metáfora primígena da realidade espiritual), e em parte a um conjunto de sugestões patrístico-escolásticas. De modo análogo procede a prosa mística”. ECO, U. Arte e Beleza na Estética Medieval. *Op. Cit.*, p. 93.

⁹³⁹ Cf. NASCIMENTO, J., R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 16-17. Ainda o autor afirma: “O sol, portanto, torna-se o “sacramento” por meio do qual ele comunga amorosamente na mais íntima simpatia e harmonia com o belo, radiante e esplendoroso, Jesus Cristo, o Sol da Justiça”, p. 17.

⁹⁴⁰ É a compreensão de várias coisas a um só tempo. Figura de linguagem que consiste em ampliar ou restringir o sentido de uma palavra, tomando a parte pelo todo, etc. Ex.: ‘pão’ em vez de ‘alimento’. A tendência da gramática de hoje é incluir esse tropo na metonímia. Cf. Sinédoque. In.: *DET*, p. 429.

⁹⁴¹ Cf. GIL, F., *San Francisco de Asis*. El hombre luz. Madri: Cisneros,1969, p. 3

olhos. E assim, devemos louvar o Criador particularmente por essas e pelas outras criaturas que usamos todos os dias.... E porque considerava e dizia que o sol é a mais bela de todas as criaturas e mais pode assemelhar-se a Deus, tanto que na Escritura o Senhor é chamado de sol da justiça (cf. Ml 3,20) (EP 119).

Anexando a Francisco o contexto existencial e místico no qual compôs o Cântico, podemos denotar, que o seu sentimento de comunhão fraterna com todas as criaturas, e especialmente com o “senhor irmão sol”, se aprofunda nas origens da sua própria *psique* mística, o qual aparece com toda evidência no texto poético (cf. 2Cel 213; CA 83; EP 100).

O sol na simbologia cósmica de Francisco perde toda e qualquer ambiguidade, pois a manifestação do sagrado já preconcebido na sua *psique*, que ao seu tempo se auto exprime em linguagem de experiência, nada mais é que a perfeita comunhão consigo, com o mundo e com Deus, transformando-se no arquétipo originário do ser, do qual o sol é a significação⁹⁴².

Esta imagem cósmica que com Francisco celebra o Deus Criador-salvador espelha-se plenamente no evento interior dele, que é um ser capaz e consciente das suas fontes de energias, vivendo-as pujantemente em relação com Deus, com todas as criaturas, sem dicotomia. O Cântico abraça todo o cosmos, a partir do seu universo interior, abrange-o na totalidade, envolve o ser humano e todos os componentes pertencentes à vida saída das mãos do Criador. Confiante no *Sol da Justiça*⁹⁴³, a sua experiência torna-se necessariamente cósmica, pois, é explorando a harmonia da natureza que Francisco explora a si mesmo e se refaz, como o sol a cada manhã, porque ele é dia, conduzido pela iluminação mística, inaugurando uma perspectiva mística de louvor, iluminado sob o esplendor de Deus, belo, radiante(cf. Mt 5, 14-16)⁹⁴⁴.

O ‘Irmão sol’ é a primeira criatura com a qual Francisco celebra o seu louvor, confraterniza com o irmão sol: “o qual é dia, e por ele nos iluminas. Ele é belo e radiante...de ti Altíssimo traz o significado”. A abertura sinfônica da sua fé conduz o leitor à explicitação teológica do que é apresentado. Diante da

⁹⁴² Cf. POZZI, G., Releyendo el Cântico del Hermano Sol. In.: *SF* 13-14 (1976), p. 70-71.

⁹⁴³ Pela leitura do AT, a Igreja se familiarizou desde sempre com o uso do sol como símbolo de Deus. O Livro de Malaquias ensina: para os que temem o nome de Deus, “levantar-se-á o sol da justiça, trazendo a cura em seus raios” (Ml 3,20). O título de ‘Sol da Justiça’ foi posteriormente aplicado pelos cristãos unicamente a Cristo. Cf. DOYLE, E., Francisco de Assis e o Cântico da fraternidade universal. *Op. Cit.* p. 94.

⁹⁴⁴ Cf. NASCIMENTO, J., R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 17-18.

inacessibilidade de Deus, o movimento ascendente da sua fé - sua ação mística busca o Senhor e sua presença -, se desdobra em tornar em movimento descendente e se abre para as criaturas, confraternizando com elas. É com o irmão sol “que é mais belo do que todas as outras criaturas e que mais pode assemelhar-se a Deus” (CA 83, 30), com o primeiro das alturas o santo quer entoar o louvor a Deus Altíssimo. Francisco se solidariza e celebra não somente com as criaturas cósmicas, mas com sua própria ecologia mística interior, acolhe com toda humildade e sem ressentimentos as raízes terrestres da condição humana⁹⁴⁵.

Na linguagem mística, o sol é o símbolo do mundo interior, é este o sentido mais profundo na compreensão celebrativa de Francisco, portanto, o ‘irmão sol’, como símbolo de estreito parentesco:

Ele é a expressão dum porvir íntimo e pleno, manifesta o movimento da sua alma, cujas forças primitivas e obscuras – as do desejo e do *eros* – se transfiguram em forças de luz e de dom e, daí em diante, participam da mais elevada aspiração da alma. Ele simboliza a mais alta metamorfose da alma. Quem celebra o sol como irmão e, ao mesmo tempo, como o símbolo do Altíssimo, sonha secretamente com o seu mais sublime destino⁹⁴⁶.

Para compreender e chegar a tal metamorfose do seu ser em luz aproximativa da Luz de Deus, Francisco tem que passar pela noite escura da alma e, pela perda de todos os referenciais, sem ter mais em quem e em que se apoiar, a não ser no Senhor⁹⁴⁷.

Em síntese, por ter experimentado a dimensão das sombras, ele consegue encontrar o princípio da luz dentro de si. Passada a noite escura, ele prorrompe em alegria e louvor celebrativo a Deus, e louva através do Cântico ao Criador por suas criaturas, começando pelo irmão sol, com o qual confraterniza, por ser significado análogo ao seu Senhor Altíssimo⁹⁴⁸. Uma forte inspiração emana deste nosso texto que representa um retorno de Francisco às suas raízes profundas, o arquétipo humano. O fato de chamar ‘senhor’ e irmão o sol remete para uma visão heliolátrica antiga, mesmo arcaica, recuperada plenamente pelo cristianismo que do Sol faz um dos símbolos mais belos e

⁹⁴⁵ Cf. OXILIA, A. Il Cantico delle Creature. *Op. Cit.*, p. 11-13.

⁹⁴⁶ LECLERC, E. O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 57.

⁹⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 57-58.

⁹⁴⁸ Cf. PAOLAZZI, C. Lettura degli “Scritti” di Francesco d’Assisi. *Op. Cit.* p. 149.

puros do *Sol Iustitiae*, de Deus. Luz que é reflexo do amanhecer ao anoitecer do Senhor na sua vida.

5.2.3.

A estrofe da irmã Lua e das Estrelas

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas no céu as formaste claras e preciosas e belas (Cnt 5).

A linguagem simbólica com que Francisco exalta o sol benéfico e arquétipo do poder divino, que exalta a beleza da lua e da claridade das estrelas, pode ter uma pertinência precisa com os cátaros, uma vez que ele sabe o quanto para os cátaros as estrelas são as cadeiras deixadas vazias pelos anjos arrastados por Lúcifer quando foi expulso do céu por Deus, enquanto sol e lua, segundo um outro mito herético ligado, sem dúvida alguma, à Itália e as discussões italianas sobre mitos, seriam amantes culpados, de cujas uniões o orvalho seria uma manifestação⁹⁴⁹.

Nota-se nesta estrofe poética que o fenômeno natural que atrai Francisco é a claridade (cf. 1Fi 1,19; PN 3; RNB 22.25) com a qual são formadas a irmã lua e as estrelas⁹⁵⁰. Encontramos-nos com a sua afeição fraternal em relação à irmã lua e as estrelas chamando-as de irmãs. Mais uma vez Francisco deixa transparecer os laços de intimidade amorosa que ele mantém com o espaço sideral, simbolizado pelas miúdas, pequeninas, distantes estrelas e lua contempladas.⁹⁵¹

Por outra parte, o pobrezinho de Assis não se contenta somente com a claridade e as realidades cósmicas, ele, as qualifica como preciosas. Também

⁹⁴⁹ Cf. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.*, p. 291-292.

⁹⁵⁰ Seguindo o método comparativo, Paulo oferece uma comparação com os eleitos, ao falar dos corpos dos ressuscitados: o sol, a lua e as estrelas não têm o mesmo brilho; ‘e até de estrelas para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos’ (1Cor 15, 41ss). De modo muito geral, as estrelas são imagens para dizer a harmonia cósmica criada por Deus, tal como se manifesta ao homem ciclo do zodíaco; com a coroa de doze estrelas na cabeça, refere-se à mulher apocalíptica (cf. Ap 12,1); imagem do juízo divino, como quando o Apocalipse fala da grande estrela, de nome “Absinto”, que caiu do céu como facho aceso (cf. Ap 8,10). Cf. Estrelas, In: *DFSB*, p. 95-96

⁹⁵¹ Para Santo Agostinho, nas suas fases, a lua, representa o mistério da vida humana e do Cristo: do nascimento, Morte e Ressurreição: “*Luna per omnes menses nascitur, crescit, perficitur, minuitur, consumitur, innovatur. Quod in luna per menses, hoc in resurrectione semel in toto tempore*” Agostino, Sermo 361: De resurrectione, ML 39, col 1605: Apud. *Ibid.*, p. 19. Cf. SPITERIS, I., La contemplazione del creato nel cristianesimo orientale e in San Francesco. *Op. Cit.*, 64-65;

na estrofe da irmã água a chamará de preciosa (Cnt 7). Leva em consideração o qualificativo ‘precioso’ usado nos seus Escritos para designar a qualidade dos objetos que servem para a celebração da Eucaristia e os lugares onde se conserva o Sagrado Corpo de Cristo, se tem aqui a prova tácita da valorização do cosmos também sob uma ótica sagrada (cf. 1Cl 11; 2Cl 11; 1Ct 3-4; Ord 34-36; RNB 2,14; Test 11).

É no cosmos e juntamente com os seus acontecimentos que o ser humano renasce sempre de novo e a cada dia, atento aos sinais dos tempos. Renasce para a vida de Deus, seguindo o Senhor que se encarnou nos eventos históricos dos homens e mulheres e nas fases naturais que a vida e o mundo oferecem nos seus fenômenos⁹⁵². Aqui se situa Francisco.

Um detalhe importante que nos provoca à atenção entre os adjetivos⁹⁵³ usados por Francisco é o uso de *claras*, juntamente com aquele já mencionado, *preciosa*. Estes adjetivos vão além da sua eficácia e daquilo que querem significar. Os mesmos traduzem a abertura do nosso santo autor a uma nova dimensão da vida mística e ao mundo interior dos valores que não pertencem ao domínio do fazer, mas a prioridade do ser e seu arrebatamento às claridades⁹⁵⁴.

O Senhor, aqui o Criador, é louvado pela ‘irmã lua e as estrelas’, Francisco contempla, refletindo, atribuindo e qualificando a irmã lua com o adjetivo ‘claras’ à Clara de Assis, como atestam vários comentaristas do Cântico⁹⁵⁵. Esta expressão torna-se mais clara com o testemunho de Tomás de Celano a respeito de Clara de Assis: “Oriunda da cidade de Assis, pedra preciosíssima e fortíssima... dotada de sabedoria e de especial humildade: Clara de nome, mais clara pela vida, claríssima pelos costumes” (1Cel 5.8). Ainda lemos em seu biógrafo São Boaventura: “Clara, virgem amadíssima por Deus, a primeira plantinha, exalou seu perfume como flor cândida que brota na

⁹⁵² Cf. ZAVALLONI, R. *L’Uomo e il suo destino nel pensiero francescano*. Assis: EP, 1994, p.119-122.

⁹⁵³ A sequência dos adjetivos, além de imprimir ao ritmo do verso uma cadência regular, mais do que a abstração dos substantivos correspondentes, transmitem toda a força poética que está nas qualidades íntimas de cada ser, descritas e intensamente misturadas aos sentimentos que suscitam. Cf. SOUZA, V.K.B., *Humanismo medieval*. A poesia franciscana religiosa e laica. Op. Cit. p.405.

⁹⁵⁴ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de S. Francisco. *Op. Cit.* p. 18-19.

⁹⁵⁵ Ressaltamos: OXILIA, A., Il Cantico delle Creature. *Op. Cit.*, p. 20-21; LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 70-72; BARGELLINI, P., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 139.

primavera e brilhou como estrela muito fúlgida” (LM 4,6). A *plantinha* de Francisco é muito mais do que uma plantinha: ela é muito semelhante, muito próxima a Francisco, mas brilhando com luz própria e original, tão vigorosa quanto a dele, quando não é mais forte⁹⁵⁶. Com muita propriedade recorda Antonio Moser:

Clara considerava Francisco como seu inspirador, uma espécie de arquétipo de homem-de-Deus, que a fascinava. Francisco, por sua vez, retribuía este sentimento, de modo cavalheiresco... Nem a mística, nem a mediação do Absoluto operam um corte na ternura e no amor: simplesmente o referem a um Amor maior... e esta é a maior contribuição que eles deram à humanidade: o caos no qual vivemos pode se transformar em cosmos. Muito depende do como se vivencia o amor⁹⁵⁷.

O relacionamento entre Francisco e Clara de Assis é a mais perfeita integração do *eros* e *agape* porque não faz um girar em torno do outro, mas atrai ambos para o mistério maior de Deus que os envolve. É o mesmo Senhor que os une num relacionamento maduro e sob o signo de uma amizade verdadeira e nela os mantém⁹⁵⁸.

Depois de celebrar o dia, com o irmão sol, Francisco celebra a noite e as suas claridades. Acostumado a passar longas noites em claro seja em oração ou itinerante pelas longas viagens realizadas, ele se encontra familiarizado com a luz do céu noturno. O santo convida à celebração recomendando na Carta aos Fiéis: “E digamos-lhe louvores e orações de dia e de noite (cf. Sl 31,4)” (2Fi 21), bem como no Ofício da Paixão do Senhor recorda: “Senhor Deus de minha salvação, diante de vós clamei, de dia e de noite (Sl 87,2) (OP 2,1). Somente quem caminha de noite é capaz de ver a claridade da lua e das estrelas e delas têm profunda necessidade.

Francisco vibra as ressonâncias do cosmos em sua própria alma, iluminado pela luz interior que o Senhor no Evangelho proclama e ensina (cf. Mt 5, 13-16), crê ouvir a música do universo no movimento da irmã lua e das estrelas. É como o homem que convidado pelo Criador à celebrar, ouve a música ou contempla o céu, é um homem pacificado. Esta é a primeira

⁹⁵⁶ Cf. PEDROSO, J. C. C., Introdução. In: *FC*, p. 7.

⁹⁵⁷ MOSER, A., Francisco e Clara: uma nova humanidade possível. In.: MOREIRA, A.S., Herança Franciscana. *Op. Cit.*, p.305; cf. BOFF, L., São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.*, p. 42-45; TEIXEIRA, C. M., São Francisco e o feminino. In: *CF 2* (1991): Sobre o relacionamento de Francisco e Clara, p. 19-21.

⁹⁵⁸ Cf. BOFF, L., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* 51-54.

bondade da vida, que tem o eu indigente, sob o impacto da irmã doença, como centro de um mundo que, paradoxalmente, o nutre e plenifica⁹⁵⁹.

5.2.4.

A estrofe do Irmão vento

Louzado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento (Cnt 6).

Contemplamos uma experiência do paraíso terrestre no místico Cântico de Assis, pois, à medida que o místico baixa o olhar, aparecem às criaturas, que se movem no espaço aéreo, no tempo: é o irmão vento e o tempo nas suas variações estivais e hibernais, sugerindo as estações do ano, nas quais se sucede a vida; todos são dignos de louvor, porque são um prolongamento do Senhor⁹⁶⁰.

Esta estrofe é a ponte de passagem da transcendência mística àquela participativa e inclusiva. Não obstante a aproximação aos elementos da terra, a linguagem simbólica continua com todo o seu vigor, significando sempre no seu conteúdo, o transcendente e a participação das suas criaturas ao Altíssimo.

O dístico do irmão vento se concentra principalmente sobre os fenômenos vento, ar, nuvens, sereno e sustentamento. Francisco louva a Deus com o irmão vento, associando-o à Obra Criadora de Deus. O vento e o ar são colaboradores com o Criador, por meio dos quais Ele nos dá sustento. As imagens bíblicas do vento que a Sagrada Escritura nos apresenta, sem dúvida foram conhecidas por Francisco. Eis, portanto que na sua simbologia empregada no Cântico a tarefa atmosférica do irmão vento é a expressão da presença ativa de Deus que continua a criar por meio do ser humano seu colaborador e do vento, na mutualidade da natureza irracional e a racional que

⁹⁵⁹ Cf. SUSIN, L. C., *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EST/ Petrópolis: Vozes, 1984, p. 38.

⁹⁶⁰ Cf. SOUZA, V.K.B., *Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. Op. Cit.* p. 405.

se completam. Há uma colaboração do vento, o ar para o bem da vida do ser humano⁹⁶¹.

Francisco celebra com o irmão vento, este que simboliza a itinerância e a criatividade, a liberdade e o eterno recomeçar, na travessia da vitalidade dos que vivem a experiência mística da desapropriação, mendicância e caminham sob o impulso do Espírito do Senhor. Ele convida ao nascimento da vida e à sua celebração, pois “sopra onde quer” (Jo 3,5). Neste irmão, Francisco celebra a um tempo sua própria opção pela pobreza e sua alcançada liberdade interior, como um peregrino à ação do vento.

Esta celebração se faz no tempo, comunitária, fraterna, Francisco celebra sua mobilidade temporal a romper, como o vento, a imagem do sopro criador que sopra onde quer, como um ser humano que se traduz sob a regência do tempo (cf. Ecl 3,1-9). Este não significa um puro correr, vazio de conteúdos. O tempo é histórico, feito pela saga do universo, pela prática humana, especialmente pela luta dos oprimidos buscando sua vida e sua libertação, sob a utopia do Reino. Ele se constrói passo a passo, por isso sempre concreto. Mas simultaneamente o tempo implica um horizonte utópico, promessa de uma plenitude futura para o ser humano, para os excluídos e para o cosmos. Somente buscando o impossível, consegue-se realizar o possível. Em razão desta dinâmica, Francisco possui a presença amorosa da divina alegria e liberdade, o senhor do tempo e da utopia soprando onde quer⁹⁶².

A estrofe do irmão vento se desdobra em várias de suas manifestações: é o ar, a nuvens, sereno. O vento, como parte da obra criadora de Deus convoca-nos ao louvor celebrativo diante daquele que nos ‘dás sustento’.

A imagem do irmão vento realiza a sua mediação entre o céu e a terra do ser humano orante. Da imagem se converte em linguagem simbólica daquilo que a alma do ser humano procura profundamente. Exprime a relação da

⁹⁶¹ Como símbolo antigo, na tradição bíblica, cremos ser presente na intuição de Francisco: “O sussurro do vento e o uivar da tempestade levaram o homem simples, que vivia em íntima união com a natureza, a personificar estes fenômenos naturais, uma vez que não se conhecia a verdadeira causa. O vento era tido como respiração da terra e com isso sintoma de vida cósmica. No vento invisível, que parece não estar sob as leis da matéria bruta, cria-se estar oculto um poder superior. A palavra hebraica para vento – ruah – tem o significado de sopro, respiração, espírito, e, por isso, não se pode captar sempre de maneira clara o seu teor eventual de significado. No Novo Testamento, o vento está intimamente ao Espírito de Deus” Vento. In: *DFSB*, p. 254-255.

⁹⁶² Cf. BOFF, L. *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 189.

pessoa, em movimento celebrativo, com o sagrado. A valorização aqui é, na realidade, essencialmente religiosa. O irmão vento não é celebrado aqui simplesmente como artífice duma tarefa cósmica, mas como expressão duma presença atenta e ativa de Deus em toda a criação. Eloi Leclerc caracteriza e reconhece que Francisco celebra com o irmão vento a sua substância fraterna. Na realidade, esta substância fraterna é aérea, dinâmica e hierofânica, expressão figurada e simbólica daquilo que a própria alma encerra de mais forte e mais divino no fundo mais profundo de suas energias e que continuamente se oferece a ele: o próprio Sopro do Criador⁹⁶³.

Naturalmente não se trata duma busca de segurança no seio materno, duma recaída no sono do inconsciente, mas, antes, duma abertura à grande aventura da criação, à aventura do Sopro criador, que se incorpora na matéria e nas suas obscuras energias a fim de transfigurá-las desde o interior e daí fazer surgir a celebração da vida, porque experiência vital é místico desdobramento, sempre rompendo com o fechamento e vocação destinada à vida eterna.

A mediação do irmão vento no Cântico, só pode ser compreendida na sua dimensão de colaborador para o sustento das criaturas de Deus, dentro do conjunto dos fenômenos físicos em comunhão com a irmã água, conforme veremos na próxima estrofe.

5.2.5.

A estrofe da irmã água

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é muito útil e humilde e preciosa e casta (Cnt 7).

Agora na superfície terrestre o Senhor seja louvado na personificação fraterna do elemento água, em cuja limpidez e transparência se unificam os atributos espirituais da humildade, da utilidade, da pureza.

Francisco ama a irmã água que se assemelha à santa obediência, pela qual o ser humano se acha purificado, e que ainda é a matéria do batismo. E este pensamento lhe desperta pela água uma veneração tão profunda, um

⁹⁶³ Cf. LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 82.

cuidado tão íntimo, que, quando ele lava as mãos, procura sempre um lugar onde as gotas, caindo, não pudessem ser pisadas (cf. CA 88)⁹⁶⁴.

Trata-se de um refinado respeito e amor à criação que o santo místico capturou de forma perfeita.

Junto com o irmão vento que é fonte de sustento, a irmã água, faz-se par, preciosa, casta, irmã e companheira vital do ser humano. Referindo-se à obediência humilde (cf. 1Cel 151; LM 6,4), Francisco usa o mesmo termo, preciosa, empregando-o no sentido integral desta irmã, do valor da água em relação a salvar a vida.

A obediência, ele a vê como submissão, em contraste com a atitude de domínio, a qual ensoberbece o coração da pessoa humana tornando-o prepotente, dominador e fechado ao Espírito Santo de Deus que cria e renova pelo mistério da sua graça. É nesta ótica da preciosidade que ele se reconcilia com as suas raízes mais profundas e vivas, como aquelas recebidas no momento da criação, para transformá-las, em processão de conversão em preciosas e castas.

O atributo preciosa conota para Francisco o sagrado, como as sagradas espécies do pão e do vinho. O pobre de Assis não deixa de imaginar tesouros preciosos: as estrelas e a água, na mística luz da fé, seja refletida das estrelas, do sol ou da luz percebida na lua, como no brilho das águas sob o reflexo da luz⁹⁶⁵.

A água é preciosa, tanto pelo que ela é em si mesma, quanto pelo fato de que, sem ela, certamente pereceríamos. E a água é pura, diz Francisco, querendo dizer que existe um halo de integridade ao redor dela. Só a sua presença demonstra claramente que o seu ser possui unidade, verdade, bondade e beleza, resplandecente para a experiência mística. Água santificada e, dessa forma, confirmada em seu ser integral e autêntico. Ser com os atributos da irmã água, criatura saída da bondade do Criador (cf. Gn 1,2)⁹⁶⁶.

⁹⁶⁴ Cf. JOERGENSEN, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 383; SOUZA, V.K.B., Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. *Op. Cit.* p. 405.

⁹⁶⁵ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 20-21.

⁹⁶⁶ Cf. DOYLE, E. Francisco de Assis e o Cântico da fraternidade universal. *Op. Cit.* p. 124-126.

Eloi Leclerc vê na irmã água, enquanto realidade feminina, o símbolo dos arquétipos fundamentais da alma humana: a *anima*. Para este estudioso do franciscanismo,

Os arquétipos são os centros de forças vitais. Por si mesmos, eles são ambivalentes. Os frades símbolos que eles animam e pelos quais se manifestam à consciência (o sol, a água, o fogo...) são figuras do desejo humano no que há de mais elementar, de mais arcaico e, portanto, de mais próximo aos instintos fundamentais da espécie⁹⁶⁷.

Estes símbolos são também a marca do ser, que nos interpela interiormente, oferecendo-se a nós sob a forma de grandes possibilidades criadoras, as quais prefiguram o nosso destino absoluto. Conforme a maneira pela qual a pessoa humana se abandona a ela, a força do arquétipo arrasta às sombrias profundezas ou eleva até o transcendente Altíssimo.

Somos conduzidos por Francisco a celebrar o dom da criação com a irmã água, pois tudo leva a pensar que o louvor da irmã água, unido ao do irmão vento, como esposais místicos e exemplares de sopro de vitalidade, exprimem fundamentalmente, embora com distinta linguagem, semelhante experiência mística que a do texto da Carta aos Fiéis:

Não devemos ser sábios e prudentes segundo a carne, mas antes devemos ser simples, humildes e puros. Nunca devemos desejar estar acima dos outros, mas antes devemos ser servos e submissos a toda criatura humana por causa de Deus. À medida que todos aqueles e aquelas fizerem tais coisas e perseverarem até o fim, pousará sobre eles o Espírito do Senhor e fará neles habitação e um lugar de repouso; e serão filhos do Pai celestial, cujas obras realizam. E são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (2Fi 45-50).

Enquanto arquétipo das forças vivas, a irmã água é uma realidade interior a nós. Aqui também se une à celebração mística a ecologia interior e exterior⁹⁶⁸.

⁹⁶⁷ LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 89.

⁹⁶⁸ É o que expressa muito bem Teilhard de Chardin quando diz: “Desci ate as mais recônditas profundezas do meu ser, com a lâmpada na mão e ou ouvidos atentos, para descobrir se, nos mais profundos recessos da escuridão do meu ser interior, eu não poderia ver o brilho das águas da corrente que jorra, se eu não poderia ouvir o murmúrio de suas misteriosas águas que brotam das extremas profundezas e vão jorrar ninguém sabe onde. Com terror e embriagante emoção, constatei que a minha pobre e insignificante existência era uma só junto com a imensidão de tudo o que é e de tudo o que ainda está em processo de vir a ser”. CHARDIN, T., *Writings in Time of War*. Londres: Collins Sons, 1968, p. 25. Apud. McFAGUE, S., *Modelos de Deus: teologia para uma era ecológica e nuclear*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 18.

5.2.6.

A estrofe do irmão fogo

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite,
e ele é belo e agradável e robusto e forte (Cnt 8)

Sobre a irmã terra, o símbolo elemento mais vivo e mais forte da existência em contraponto com a água e irradiando na terra, como no céu o sol, merece louvor o irmão fogo, que é belo, vigoroso e forte, aquecendo os entes, abraçando a fraternidade com pessoal presença e iluminando alegremente a dinâmica da fé.

Pela segunda vez aparece no Cântico, o símbolo da luz, manifestando que ao centro da experiência mística de Francisco, existe o esplendor da luz, que é Deus⁹⁶⁹. A sua extraordinária devoção que se caracteriza e se materializa no Cântico, deriva da luz, porque nesta, ele, reconhece o símbolo do próprio Altíssimo: “Sua extraordinária devoção pelo fogo se origina do fato de ele o reconhecer como símbolo de Deus”⁹⁷⁰.

Além do qualificativo de irmão que o fogo recebe, Francisco se relaciona com o mesmo deixando-se envolver por uma atmosfera de amor e afeto particular, chegando a adjetivá-lo de ‘belo’, ‘agradável’, ‘robusto’ e ‘forte’. A sua expressão de cordialidade para com o fogo se expressa também no episódio da cauterização das suas têmporas, momento no qual Francisco lhe pede de ser cortês consigo, pois ele muito o amava: “Meu irmão fogo, o Altíssimo te criou forte, belo e útil, dotado de beleza. Sê-me propício nesta hora, sê cortês! Porque há muito tempo que te amo no Senhor” (2Cel 166, 5-6; cf. LM 5,9; CA 86; 2EP 115).

⁹⁶⁹ Na sua relação com o ser humano, manifesta seu caráter polar: aquece a casa, prepara os alimentos, serve ao trabalho; é incêndio, seca, insolação; o fogo do céu é o raio (Eclo 39,26ss). Empregado no culto legítimo (Lv) e no proibido (Jr 32,35). Por sua riqueza de funções, o fogo fornece vários símbolos religiosos. Pode fazer parte da teofania (Sinai; Sl 50,3; 97,3); simboliza uma das ameaças fundamentais à vida (Is 43,2); a ira de Deus; e também a execução do castigo definitivo, seja de Sodoma (Gn 19; Dt 29,22-23), seja de Jerusalém (Ez 10). No NT pode ser teofânico (Hb 12,19). Parece ter caráter de prova: paixão? (Lc 12,49), salgação (Mc 9,49). Tem função judicial: no batismo (?) (Mt 3,11s; 1Cor 3,13). Significa a condenação definitiva (Mt 18,8), eterna (Hb 10,27; 2Pd 3,7), geena (Mt 5,22; Ap 8,7ss; 11,5); inferno (Ap 20,10.14). cf. Fogo. Vocabulário de notas temáticas. In: Bíblia do Peregrino, p. 3013; Fogo. In: DFB, p. 105-107: “Francisco de Assis amava dentre todas as criaturas irracionais de modo particular o seu ‘irmão fogo’” p. 107. E veremos como Francisco aplica funções semelhantes e distintamente complementares, quanto à sua relação afetiva com o irmão fogo.

⁹⁷⁰ DOYLE, E., Francisco de Assis e o Cântico da fraternidade universal. *Op. Cit.* p. 135

A demonstração de amor que Francisco para com o irmão fogo, não é comum aos nossos olhos, este sentimento reservado ao irmão fogo nasce de uma poderosa atração e respeito, como aquele que ele conserva para o seu Senhor (cf. 2Cel 165). O fogo, que na noite pascal é tirado com golpes na pedra de fogo, é símbolo Daquele que, desde a sua sepultura selada com pedra, vai de encontro à glorificação. O fogo torna-se também figura do amor divino, símbolo místico e sacramental quando irradiado coração de Jesus⁹⁷¹.

O comportamento religioso de Francisco com o “irmão fogo” é uma profunda metáfora e acolhida mística da abertura ao sagrado. O que nos faz ver eventualmente que por meio deste, o “irmão fogo” ele mira essencialmente a presença do Deus vivo; enquanto força criadora na pessoa da sua imagem, a pessoa humana. Para os antigos gregos este tipo de relação equivale ao conceito de eros.

O fogo perfaz muito com muita probabilidade, a primeira experiência hierofânica ascencial. O fogo, como elemento destruidor, é de difícil controle e domínio e, ao mesmo tempo, é vitalizador, possibilitando alimentação, calor, luz, purificação, criação. Pode transformar a matéria (como metais), sendo considerado, assim, sujeito do movimento do mundo, da criação. Por seu rico simbolismo, tremendo e fascinante a um tempo, o fogo passa a ser sinal ou mesmo presença da divindade ou de sua ação, “como nos clássicos exemplos da sarça ardente que não se consumia, do fogo da ira divina que consome Sodoma, ou das línguas de fogo manifestadas em Pentecostes, só para citar a Bíblia”⁹⁷².

Na linguagem de Francisco significa intimidade, laços e comunhão afetiva que envolve o ser humano e o irmão fogo, numa espécie de comunhão cósmica. A contemplação do irmão fogo em comunhão, caracteriza a mística de Francisco pela sua autoeducação do desejo. Ele não deseja vilipendiá-lo, este é irmão e amigo com o qual ele se une intimamente para louvar a Deus, o Altíssimo⁹⁷³.

⁹⁷¹ Cf. Fogo. In: *DFSB*, p. 107. Em analogia o Cristo, o Fogo Divino posto a serviço da mais sublime operação, a vida, ensina o padre Chardin: “se o Fogo desceu até o coração do mundo foi, em última instância, para arrebatar-me e para absolver-me”. CHARDIN, P. T. de. *Himno del Universo*. Madri: Taurus, 1967, p. 27.

⁹⁷² PORTELLA, R., O sagrado e suas expressões: aproximações. *Op. Cit.*, p. 66.

⁹⁷³ Cf. NASCIMENTO, J.R., O Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 22

Francisco sublinha nesta estrofe, colocando em evidência tanto a realidade antropológica como a teológica. A dimensão antropológica se sobressai, pela sua decisão radical de não querer possuir e nem auto possuir-se; enquanto que a teológica exprime a potência vital, profunda e transformadora do amor divino, mediante o qual, Francisco, o ser humano novo na nova criação, sublima a criação de Deus⁹⁷⁴.

Quem realiza esta condição de pessoa nova na criação recriada de Francisco é o Penitente, mais ainda, o Crucificado. A intempérie cobrou seu preço: a enfermidade quer-se constante, mas com o fogo purifica e santifica, arrebatada às alturas. Este preço é pago com alegria por causa do tesouro avistado e possuído: a fraternidade experimentada dos elementos, mesmo quando o aflige dolorosamente, o irmão fogo, quando o cauterizaram é condição para pertencer ao modo de operar do Santo Espírito de Deus⁹⁷⁵.

Comove o louvor pelo irmão fogo – como se não tivesse existido a sua terrível cauterização -, cuja luz durante a noite Francisco exalta ‘E ele é belo e agradável e robusto e forte’ (Cnt 8).

5.2.7.

A estrofe da irmã e mãe terra

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas (Cnt 9).

A última realidade da criação é o elemento terra, cuja beleza rica de fascínio Francisco evoca: ‘que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas’. Progressivamente Francisco está descendo até as extremidades da terra para subir a Deus juntamente com todas as suas criaturas⁹⁷⁶.

⁹⁷⁴ Cf. LECLERC, E., El Francisco del Cántico: en el misterio de la salvación. In.: *SF* 13-14 (1976), p. 87-88.

⁹⁷⁵ Cf. TRIGO, P. Criação e história. *Op. Cit.* p. 185.

⁹⁷⁶ Cf. NERY, P., A Irmã Terra. In. *CF* 12, p. 11-15. Sabiamente escreve Marcelo Gleiser, professor de física teoria: “A terra tem uma idade aproximada de 4,5 bilhões de anos. Nossa espécie, o *Homo sapiens*, apareceu em torno de 200 mil anos atrás, na África. Se concentrássemos 4,5 bilhões de anos em uma hora, nosso aparecimento teria ocorrido há menos de dois décimos de segundo. Somos a presença mais recente neste planeta e nos achamos donos dele. Algo para refletir” GLEISER, M. *Homo Artisticus. Op. Cit.* p.3.

Desde a antiga Pachamama dos incas ou a *Cuahtlicue* dos astecas, e também a *terra mater* dos romanos, a terra é considerada por todos os povos agrícolas, plantadores ou nômades, como a mãe da vida, do alimento, da fertilidade. A terra é o solo fundamental, onde se vive e donde se vive. A terra, em sua fecundidade natural, gera materialmente a riqueza fundamental, o valor de uso primigênio, primeiro. Sem as chamadas coisas naturais o ser humano não pode realizar nenhum empreendimento. É a natureza que toca nossa pele, onde o ser humano faz sua habitação amorosa (*oikía* em grego: casa, ecologia). Origina-se assim a dialética pessoa-cosmos, o surgimento da natureza das criaturas como habitat da mãe telúrica⁹⁷⁷.

Terra que é *oikos*, do grego a significativa casa, morada, ecologia, espaço para o cuidado, fecundo, equilibrado, ambiente inteiro e integrado, com o ser humano e todas as criaturas⁹⁷⁸. Terra, nosso celeiro, o trigo do pão matinal e todos os frutos. Além de realçar, como bom filho da sua Úmbria, que a irmã e mãe nos dá sustento, pai Francisco, antecipa todos os místicos da ecologia, celebra a mãe-azul que nos governa⁹⁷⁹.

Nesta estrofe Francisco ressalta a função vital da terra cognominando-a como irmã e mãe. Como numa linguagem de cortejamento, ele a canta, exalta e elogia, pois a irmã e mãe terra governa e sustenta o ser humano com as suas riquezas.

A terra na mística do santo de Assis se assemelha uma jovem formosa que fascina e encanta o amado. É a amiga, criatura de Deus, macrocosmo que governa e sustenta o ser humano com as suas leis na mais perfeita sintonia, assim como desejou o Criador, ao criá-la harmonicamente. Observamos quão profundamente é a sensibilidade de Francisco em relação à irmã e mãe terra, pelo fato que ele não a vê somente como fonte absoluta de vida. A irmã e mãe terra como todos os outros elementos é criatura de Deus. Eis porque ele a contempla e se dirige a ela dando-lhe um valor ontológico, visão, que o

⁹⁷⁷ Cf. ELIADE, M., O sagrado e o profano. A essência das religiões. *Op. Cit.* p. 116-129. Ainda: “Uma das primeiras teofanias da Terra, enquanto tal, enquanto sobretudo camada telúrica e profundidade cônica, foi a sua maternidade, a sua inesgotável capacidade de dar frutos. Antes de ser considerada Deusa-Mãe, divindade da fertilidade, a Terra impôs-se diretamente como Mãe, Tellus Mater”. Tratado de história das Religiões. *Op. Cit.* p. 199.

⁹⁷⁸ Cf. TEIXEIRA, C.M., Visão Franciscana das Criaturas. *Op. Cit.* p. 268-269.

⁹⁷⁹ Cf. ALENCAR, C., *Cântico das Criaturas*. Ecologia e juventude do mundo. Petrópolis: Vozes, 2000, p.55.

transcende ao contemplá-la, se conduzindo ao seu amor, não no sentido egoísta e pecaminoso, mas como irmã e mãe⁹⁸⁰.

A atribuição usada por Francisco, mãe, quer próprio significar o amor de um ser que se doa gratuitamente sem laços com o egoísmo. É a vida oferecida oblativamente. A terra é o útero materno, o peito da mãe comum, no qual todo ser humano deve proteger-se e alimentar-se. A terra é ainda a mãe, com a qual o ser humano deve manter uma vida de mútua relação e respeito, pois ela além de ser mãe é também irmã, a qual nós devemos aprender amar e crescer juntos, como pessoas de relações fraternas. A intuição mística, portanto teológica do pobre de Assis é que a vocação que procede de Deus porta urgências: o ser humano, criado na liberdade para o amor serviço inclui ser administrador responsável do mundo criado, capaz de responder ao chamado que procede do Criador e das criaturas⁹⁸¹.

Francisco leva em conta a imagem arcaica da mãe terra, celebra aquela que nos carrega e nos nutre, como faz uma mãe com seu filho; sua fecundidade se manifesta em produzir toda espécie de frutos. A sua maternidade revela uma fonte mais alta de vida e de beleza, o primitivo e o eterno ao mesmo tempo, em impulso irreprimível para as alturas. Em Francisco há comunhão com a terra: uma comunhão com Deus através da irmã e mãe terra⁹⁸².

Percorrendo o caminho da conversão de Francisco, notamos que nos primeiros momentos da sua procura, era hábito frequente que ele procurasse as cavernas como lugar de solidão e busca da vontade de Deus na sua vida. Este seu contato com a irmã e mãe terra no início da conversão, é sinal do sepultar-se no Cristo para renascer à vida. Como se, por analogia, a irmã e mãe terra representasse no seu simbolismo, o seio materno. O seu entranhar-se no seio das cavernas, que simboliza o âmago da terra, nos leva a compreender que é próprio neste contato com a materialidade que o penitente de Assis descobre a sua própria existência. Deseja voltar ao útero materno para ser gerado a uma vida nova, como nos recorda seu biógrafo Tomás de Celano (cf. 1Cel 6-10; 2Cel 9; ainda: LM 1,5; LTC 4,12;6;16). Nos primeiros anos da sua conversão,

⁹⁸⁰ Cf. DOYLE, E., Francisco de Assis e o Cântico da fraternidade universal. *Op. Cit.* p. 149-150.

⁹⁸¹ Cf. RUBIO, A. G., ? Dominad la Tierra? In.: *CF* 153 (2006), p. 32-33.

⁹⁸² Cf. LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 109-113.

Francisco procura as cavernas, os lugares solitários, que representam e indicam o sentido em chave mística, a “volta às origens”⁹⁸³.

É próprio no âmago das realidades materiais das criaturas que Francisco descobre a via luminosa em direção ao Altíssimo, pois o ser humano que sobressai do Cântico é uma criatura em relação e correlação com a terra e seus componentes.

Outro fato que chama atenção do seu contato com a irmã e mãe terra, é o seu desejo de morrer nu sobre a mesma, o que deixa transparecer com mais força o seu sentimento de total afeição e comunhão com tudo e com toda a criação. Este comportamento manifesta a sua adesão às leis naturais que a irmã e mãe terra oferece a todo ser vivente. O gesto de Francisco, igualmente, significa voltar às próprias origens para renascer à nova vida no mistério insondável do Cristo.

O dístico da irmã e mãe terra dentro da nossa ótica mística, nos permite ver a terra assim como Francisco, dentro do mistério da potência de Deus Altíssimo, que por meio dela sustenta e nutre toda criatura. As atribuições de irmã e mãe são formas de impedir que a pessoa humana se deslize à banalidade da existência e suas relações, reduzindo a vida humana do seu valor intrínseco desprezando-a. Estes dois termos significam ainda, ‘consanguinidade’, pertença e via que abre caminho para a comunhão, tanto no nível fraterno como cósmico, criando laços de respeito, proteção e veneração, assim como um filho para com a sua irmã e mãe⁹⁸⁴.

O sentimento que envolve o Cântico é próprio aquele do ser humano que se sente um ínfimo, pequeno diante do Criador, participante de toda realidade, concebida a partir da dimensão telúrica, uma unidade física que se eleva até o eterno e real, realizando sua verdadeira vocação de discípulos do Reino (Mc 1,15), como aqueles primeiros que “deixando logo as redes, seguiram-no” (Mc 1,18).

A mudança de vida que se realiza em Francisco, sua conversão (Test 1-3), esta metamorfose profunda que ele vive com todo universo se transforma no cantar com a irmã e mãe terra; o louvor através da terra é o canto do ser

⁹⁸³ Cf. CHESTERTON, G.K., São Francisco de Assis e Santo Tomás de Aquino. *Op. Cit.* p. 60-61.

⁹⁸⁴ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 24.

humano que com grande humildade louva, porque ama a Deus e pode incluir consigo e no seu canto de louvor a Deus, todas as suas forças num único cantar ao “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”⁹⁸⁵.

a.

A Terra que nos sustenta e governa: uma mística teológica da sustentabilidade

Por séculos pensamos sobre a terra. Nós éramos o sujeito do pensamento e a terra, o seu objeto e conteúdo. Depois de termos tomado consciência de que terra e humanidade formamos uma única realidade, importa pensarmos como terra, sentirmos como terra, amarmos como terra.

Nós não estamos apenas sobre a terra. Somos a própria terra, que num momento de sua evolução começa a sentir, a pensar, a amar, a venerar e a cuidar. Por isso que o ser humano vem de *húmus*, terra fértil e Adão de *adamah*, terra fecunda. O amor nos inicia nesta identificação com a terra. A ternura de Deus, ao paradigma de Francisco, nos informa: “irmã nossa, a mãe terra”. Da semelhança à igualdade, à semelhança irmã. Da igualdade à fecundidade, a maternidade.

Abraçando o mundo, a terra e todas as criaturas, estamos abraçando a presença e assumindo a presença significativa de Deus, entrando em comunhão com o Espírito, atuando nos processos naturais e históricos e com o Cristo cósmico que está empurrando a evolução para a sua culminância no seio do Reino da Trindade⁹⁸⁶.

A consciência coletiva incorpora mais e mais a ideia e o valor de que o planeta terra é a nossa casa comum e a única que temos. Importa, por isso, cuidar dela, torná-la habitável para todos os seres humanos, todas as criaturas, conservá-la em sua generosidade e preservá-la em sua integridade e esplendor. Daí nasce uma ética mundial compartilhada por todos⁹⁸⁷, capaz de unir os seres humanos para além de suas diferenças culturais, permitindo-lhes sentir que, de

⁹⁸⁵ Cf. LECLERC, E.. Canto. In.: *DF*, p. 73-74.

⁹⁸⁶ Cf. BOFF, L., *Ecologia: teologia e espiritualidade. Op. Cit.* p. 166.

⁹⁸⁷ “Enquanto cristãos, temos de trazer conosco a interpelação da ética. A mística cristã é indissociável da ética, da socialidade, da prática da caridade”. BINGEMER, M. C. L. *Alteridade e Vulnerabilidade. Op. Cit.* p. 90.

fato, são filhos e filhas que a amam e a respeitam como a sua própria mãe e irmã.

Para a tradição judeu-cristã, a terra é mais que terra, é criação boa de Deus, a Casa que Ele preparou para seus filhos e filhas e o Templo para acolher o Filho quando decide se encarnar. A terra é chamada à transfiguração, a ser assumida no Reino da Trindade, a ser a expressão visível do Mistério, onde encontra lugar a alegre celebração da vida⁹⁸⁸.

Para Francisco esta terra, cujos atributos naturais reconhece (ele é Adão, o terrenal, o filho da terra), é sobretudo irmã (sem deixar de ser mãe e senhora). É esta fraternidade fundante, a dimensão na qual Francisco vive como pessoa nova. A ela respondem realmente os seres chamados por ele por estes nomes primordiais e reencontrados por Francisco dentro da sua experiência de Deus materno e irmão: irmã e mãe. Isto é acontecimento histórico escatológico, a terra que nos sustenta e governa, sob uma mística teológica da sustentabilidade.

b.

Na “Comunidade de vida”, respeito e cuidado: princípio de convivência mística

Importa mais do que nunca salientar a reciprocidade entre a tutela da dignidade humana e a defesa da dignidade da terra e, portanto, a mútua implicação entre ambas. Toda vez que se ferem os direitos das demais criaturas e do planeta como um todo acaba-se desrespeitando os direitos da pessoa humana. A natureza, entendida como o conjunto de todas as criaturas, deve ser protegida pelo que ela é e não enquanto eventual potencial à disposição do ser humano. O planeta, portanto, salvaguardado em nome de uma dignidade que, para todos os efeitos, lhe é própria.

A mística do cuidado imprime sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem uma mística do cuidado o humano se faria inumano. O cuidado, a essência da vida humana, precisa ser continuamente alimentado. As ressonâncias do cuidado são sua

⁹⁸⁸ Cf. Id., *Cuidar da Vida e da Criação*. In: BEOZZO, J.O., (Org.). *Saúde cuidar da vida e da integridade da criação*. Curso de Verão – Ano XVI. São Paulo: Paulus-CESEP, 2002, p. 107.

manifestação concreta nas várias vertebrações da existência e, ao mesmo tempo, seu alimento indispensável. A mística do cuidado na comunidade de vida, vive do amor primal, da ternura, da carícia, da compaixão, da gentileza, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas.

Na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência. O *ethos* místico, a expressão mística, porque se expressa religiosa, está no próprio ser humano, entendido em sua plenitude que inclui a dimensão de infinito. Ele precisa voltar-se sobre si mesmo e redescobrir sua essência que se encontra no cuidado.

Que a mística do cuidar aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que prevaleça em todas as relações. O cuidado salvará a comunidade de vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a irmã terra como pátria e mãe de todos e todas⁹⁸⁹.

A arquitetura do universo completa-se com a exaltação de nossa irmã e mãe terra fonte da vida material e depositária da beleza exuberante dos frutos e das flores coloridas que enchem de alegria nossos sentidos. Até a essa altura o místico de Assis leva-nos à contemplação dos encantos do mundo visceral, traduzido em imagens de um extraordinário vigor plástico e profano. A mística brota por si, grande quadro de cores e de luzes para onde o místico volta a sua contemplação.

É neste sentido que salientamos a peculiar relevância da Carta da Terra, como destacaremos ulteriormente, e a pertinência do conceito por ela inaugurado: “Comunidade de vida”. Este importante documento constitui, na verdade, uma forma avançada de se compreender os direitos como direitos humanos, direitos sociais, direitos ecológicos e direitos da terra, como planeta vivo.

Vimos que a dignificação dos seres inanimados elevados às categorias de irmãos e irmãs dos seres humanos, envolvidos pelo arrebatamento do místico, é a grande originalidade da experiência religiosa descrita, como carta à vida, traduzido no poema místico de Francisco.

⁹⁸⁹ Cf. BOFF, L., Saber cuidar. *Op. Cit.*, p. 190-191.

Nesta mesma perspectiva mística, o Episcopado Latino-americano e caribenho reconhece e recorda enfaticamente, no Documento de Aparecida, o cuidado de toda a comunidade de vida para com o meio ambiente, desta forma:

‘Como discípulos de Jesus, sentimo-nos convidados a dar graças pelo dom da criação, reflexo da sabedoria e beleza do Lógos criador. No desígnio maravilhoso de Deus, o homem e a mulher são convocados a viver em comunhão com ele, em comunhão entre si e com toda a criação. O Deus da vida confiou ao ser humano sua obra criadora para que a cultivasse e a guardasse’ (Gn 2,15). Jesus conhecia bem a preocupação do Pai pelas criaturas que ele alimenta (cf. Lc 12,24) e embeleza (cf. Lc 12,27). E enquanto andava pelos caminhos de sua terra, não só se detinha a contemplar a formosura da natureza, mas também convidava seus discípulos a reconhecer a mensagem escondida nas coisas (cf. 12,24-27); Jo 4,35). ‘As criaturas do Pai dão glória ‘com sua existência mesma, e, pois isso o ser humano deve fazer uso delas com cuidado e delicadeza’ (DA 470).

O ser humano, participante da viva comunidade de vida é alertado e conduzido para o respeito e o cuidado das criaturas como princípio de convivência mística. Cresce a consciência da criação como herança gratuita que recebemos para proteger, como espaço precioso da convivência humana e como responsabilidade cuidadosa dos filhos e filhas da ‘mãe e irmã terra’, para o bem de todos.

Conclusão parcial

Vimos que para Francisco as criaturas não são objeto de manipulação, são irmãs, companheiras, aliadas ao bem da vida. Irmãos e irmãs na mais pura e radical gratuidade do grande culto da criação a Deus Criador. A mística de Francisco confirmada com o Cântico na emergência de novos paradigmas, não pragmático, porém utópico. No Cântico não se louva a Deus porque Ele nos presenteou as criaturas, mas com elas e por elas, forma-se o convite ao louvor sinfônico ao Criador. E nunca sem elas.

As criaturas têm sido o cenário colorido em que Deus desenha seu rosto para tantos e tantos olhos de fé. As criaturas estão aí. Que elas não têm em si mesmas a causa de sua existência prova-se pelo movimento, pela imperfeição, pela ordenação a um fim, enfim pela contingência de poderem não ter existido.

Por essa via, chega-se ao primeiro princípio de tudo: Deus. O santo avança mostrando que só Deus pode criar e do nada⁹⁹⁰.

Francisco celebra de modo evidente no Cântico o equilíbrio do masculino-feminino, o matrimônio cósmico, mística sponsal, que tudo gera e conduz à vida e à sua celebração, celebração da reconciliação do ser humano em harmonia com todas as criaturas, o novo e definitivo jardim eterno, iniciado na sua experiência mais radical da mística fraterna, a reconciliação das diferenças e não dos opostos, onde o santo derrama seu sentimento: a simetria perfeita entre os elementos masculinos e femininos da natureza (sol-lua e estrelas; vento-água; fogo-terra), aberta e fechada pelos louvores ao Criador, só poderia irromper de uma personalidade radicada em Deus e harmônicamente integrada e equilibrada⁹⁹¹.

Os elementos masculinos representam a ação, o sol, o fogo, o vento. Por sua vez a água, assim como a lua, as estrelas e a terra, representam o elemento feminino, a interioridade. Mas, cada um é fecundado e se deixa fecundar. Simboliza a criação de uma nova vida e o renascer constante no Espírito, constituindo uma experiência mística integral e fraterna de comunhão entre as forças criadoras e recriadoras da fraternidade a intimidade do seu ser.

Francisco, “quando sentiu faltar a vida, quis que os frades o depusessem sobre a terra nua, sobre aquela terra que ele tinha chamado, só a ela, de irmã e mãe”⁹⁹².

Esta primeira parte do Cântico traduz o sentimento de libertação interior de Francisco na sua mais íntima experiência mística com o cosmos, resultado da sua experiência mística com o Deus Altíssimo e com todas as variadas criaturas que constituíram a sua relação fraterna e a formação da sua personalidade afetivamente aberta. O sentimento de libertação é o motivo por que falta absolutamente na sua poesia um elemento: a ameaça. Francisco sabe que a água pode inundar, que o fogo pode destruir e que o vento pode se tornar um furacão que aterroriza a humanidade. Na sua intimidade com Deus Altíssimo, no seu íntimo, porém, o cosmos não ameaça. E ele se sente levado a

⁹⁹⁰ Cf. LIBÂNIO, J.B., Eu creio. Nós cremos. Tratado de fé. *Op. Cit.* p. 135.

⁹⁹¹ Cf. MOSER, A., Francisco e Clara: uma nova humanidade é possível. *Op. Cit.* p. 304-305.

⁹⁹² MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 330.

projetar para fora a sua paz interior como habitante do paraíso futuro, do novo e definitivo céu, iniciado nesta cosmologia telúrica.

No olhar franciscano com que contempla as criaturas, a mística cristã pode convergir com o discurso ecológico frisando que o valor próprio de todo ser deriva em primeiro lugar do amor do Deus Criador, que a cada um dá sua identidade própria e alteridade. Ao afirmar a alteridade das criaturas, a sua linguagem mística é analógica, como a sua poética expressa. Revelador, o seu texto e, muito mais a sua vida, uma especial sensibilidade em face de todos os seres criados, que não esquece a sua semelhança e a sua irreduzível diferença, mas procura conviver com eles e elas, conhecer e respeitar reciprocamente a função de cada criatura na comum interdependência no seio de uma democracia social e ecológica, sem nenhuma sombra de ameaça⁹⁹³.

Todos os seres da natureza têm uma alteridade, uma cidadania cósmica. Cada ser, as famílias e as populações dos seres possuem uma linguagem, comunicam uma mensagem e se fazem reveladoras de um mistério, o mistério da existência e da vida que, por sua vez, remete a um mistério maior, que tudo unifica, tudo penetra e faz resplandecer: o mistério de Deus, comunhão de pessoas divinas de vida e de amor. Partindo dessa atitude, deve-se ter em consideração a questão do desenvolvimento que de um lado satisfaça às necessidades humanas e culturais e, do outro, leve em conta as exigências do equilíbrio da própria natureza, sem desorganizá-la ou mesmo destruí-la.

A Igreja está próxima aos homens do campo que, com amor generoso, trabalham duramente a terra para tirar, à vezes em condições extremamente difíceis, o sustento para suas famílias e levar os frutos da terra a todos. Valoriza especialmente os indígenas por seu respeito à natureza e pelo amor à mãe terra como fonte de alimento, casa comum e altar da partilha humana (DA 472).

O Documento de Aparecida, traduz a preocupação da Comunidade de fé e de todos os seres humanos que vivem em defesa da vida e do ambiente, “pelo amor à mãe terra”.

⁹⁹³ Cf. REGIDOR, José Ramos. Vinte e cinco anos de teologia da libertação. In: BOFF, L., (Org.). *A teologia da libertação*. Balanço e perspectiva. São Paulo: Ática, 1996, p. 60-64.